

O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL “CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO”: APLICAÇÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Merian Ferreira Guedes²

Orientador: Prof. Dr. Romário Duarte Sanches³

RESUMO: O presente artigo discute o ensino do gênero textual conto de assombração no 7º ano do Ensino Fundamental, a partir da aplicação de uma sequência didática no contexto do Programa Residência Pedagógica. O objetivo foi analisar os avanços e as dificuldades dos alunos no processo de escrita, comparando produções iniciais e finais. O referencial teórico fundamenta-se em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010), Swiderski e Costa-Hübes (2009), no que tange às sequências didáticas; além de Gotlib (1990), Giardinelli (1994) e Marinello (2009), para a compreensão das especificidades do conto; e Antunes (2007) e Solé (1998), no campo da leitura e da escrita como práticas sociais. A metodologia seguiu abordagem qualitativa, com análise comparativa das produções textuais dos estudantes. Os resultados indicam progressos na organização narrativa, ambientação e construção de suspense, embora persistam dificuldades relacionadas à ortografia, pontuação e uso de tempos verbais. Conclui-se que a sequência didática se constituiu como instrumento pedagógico relevante para o ensino da escrita, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e da criatividade dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Produção textual; Sequência didática; Contos de assombração; Ensino fundamental.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo relata e discute uma experiência de ensino de produção textual desenvolvida com estudantes do ensino fundamental, a partir da aplicação de uma sequência didática. A escrita, tantas vezes reduzida a exercícios mecânicos, foi tomada neste trabalho como espaço de criação e de experimentação, e para isso elegemos o gênero conto de assombração, por reconhecer nele um forte vínculo com a oralidade, com a cultura popular e com o universo de interesse dos alunos. Não se trata apenas de introduzir um gênero textual na rotina da sala de aula, mas de criar condições para que os estudantes possam se reconhecer como sujeitos produtores de linguagem, experimentando modos de narrar que lhes permitam ampliar o domínio da escrita.

¹Artigo apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Letras-Português, da Universidade Federal do Amapá, campus Santana.

²Acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Campus Santana. E-mail: merianguedes93@gmail.com

³Doutor em Letras (Linguística), pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Professor Adjunto do Curso de Licenciatura em Letras-Português, da Universidade Federal do Amapá, Campus Santana. E-mail: romario.duarte@unifap.br

A proposta fundamenta-se em aportes teóricos que tratam a língua como prática social e cultural, e que consideram os gêneros discursivos como instrumentos para o ensino da leitura e da escrita. Trabalhamos com os pressupostos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010), Swiderski, Costa-Hübes (2009), que nos oferecem a base para pensar o trabalho com sequências didáticas; contamos também com Antunes e Solé, que ajudam a compreender a leitura e a escrita em suas dimensões formativas; e dialogamos ainda com Gotlib (1990), Giardinelli (1994) Marinello (2009) e Sanches (2023), que tratam da narrativa, do conto e dos efeitos do fantástico na formação leitora. No campo da educação e da formação docente, recorremos também às contribuições de Faria e Diniz-Pereira (2019), Freitas et al. (2020) e Fernandes et al. (2011), que refletem sobre formação docente e as possibilidades delineadas pela Residência Pedagógica.

A sequência didática aplicada buscou, portanto, favorecer um percurso de escrita no qual os alunos fossem convidados a elaborar narrativas mais próximas da estrutura do conto, passando por atividades de leitura, análise e produção textual. Mais do que observar o resultado, nos interessou acompanhar os avanços e as dificuldades, os modos como cada estudante colocou em prática aspectos como organização textual, uso da linguagem e aproximação do gênero proposto.

Este trabalho organiza-se em quatro momentos: inicialmente, discutimos os pressupostos teóricos que orientaram a proposta de sequência didática; em seguida, descrevemos o percurso metodológico e a aplicação da sequência didática; depois, apresentamos a análise das produções dos alunos, comparando os contos iniciais e finais; por fim, tecemos considerações a respeito dos resultados obtidos e das contribuições que essa experiência pode oferecer ao ensino de língua portuguesa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentamos os principais pontos que serviram de base teórica para a construção da sequência didática aplicada. Primeiro, discutimos como leitura, escrita e oralidade são tratadas no Ensino Fundamental, destacando os desafios enfrentados pelos alunos e a importância de trabalhar essas habilidades de forma integrada. Em seguida, explicamos o que é uma sequência didática e como ela pode ser utilizada no ensino de gêneros textuais, especialmente o conto. Na terceira parte, tratamos sobre as características do conto como gênero literário e o motivo de sua escolha como foco deste trabalho. Por fim, abordamos o papel da

Residência Pedagógica na formação de professores de Português, relacionando teoria e prática com as vivências dentro da escola.

2.1 Leitura, escrita e oralidade no Ensino Fundamental Anos Finais

A leitura, a escrita e a oralidade, embora tradicionalmente tratadas de maneira fragmentada no ensino de Língua Portuguesa, formam um conjunto de práticas que se entrelaçam no cotidiano e que precisam ser mobilizadas de forma integrada no ambiente escolar. Quando esse trabalho ocorre de forma mecânica e descontextualizada, tende a reforçar a visão da língua como um conjunto de regras a serem memorizadas, o que dificulta o envolvimento dos alunos com as atividades propostas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe uma reorganização das práticas de linguagem a partir dos campos de atuação social dos alunos. O documento aponta que:

[...] a organização das práticas de linguagem (leitura de textos, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica) por campos de atuação aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes (Brasil, 2018, p. 86).

Essa diretriz convida o professor a planejar suas aulas a partir de situações reais de comunicação, que façam sentido na vida dos alunos. Nesse sentido, é importante delimitar esta proposta às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em especial à Competência Geral 7, que trata do reconhecimento do texto como espaço de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias. O trabalho com contos de assombração dialoga diretamente com essa competência, uma vez que tais narrativas mobilizam elementos do imaginário coletivo e permitem que os alunos reflitam sobre valores culturais, crenças populares e visões de mundo. Além disso, a proposta também se articula às habilidades EF69LP02, que orienta para a análise crítica de textos em diferentes mídias, ampliando as formas de leitura; EF69LP06, que incentiva a produção e publicação de gêneros variados, possibilitando que os alunos assumam papéis de autores em situações reais de circulação da linguagem; e EF69LP16, que prevê a utilização das formas composicionais dos gêneros da ordem do relatar e do argumentar, favorecendo a organização do enredo e a construção de sentidos. Assim, observa-se que o ensino de leitura, escrita e oralidade, quando pensado a partir da BNCC, fortalece a integração entre teoria, prática e contexto social, garantindo que os estudantes vivenciem práticas de linguagem significativas.

Quando se fala em leitura, é comum que se pense apenas no ato de decodificar palavras. No entanto, ler envolve interpretar, levantar hipóteses, estabelecer relações e formar opiniões. Solé (1998, p. 44) explica que “ler é compreender e compreender é, sobretudo, um processo de construção de significado sobre o texto que pretendemos compreender”. Essa construção depende diretamente do repertório cultural do aluno e das condições em que o texto é apresentado. Trabalhar com textos que façam parte do universo do estudante, como os contos de assombração, contribui para ampliar seu interesse e engajamento. Isso porque tais textos dialogam com aspectos que fazem parte do imaginário coletivo e, muitas vezes, das vivências familiares e comunitárias.

Apesar disso, ainda é comum que as práticas de leitura em sala de aula se restrinjam a atividades que cobram informações explícitas do texto. Como aponta Solé (1998, p. 35), “as situações didáticas que envolvem a compreensão e interpretação dos textos quase sempre se limitam a indagações objetivas [...]. Esse tipo de atividades se refere à avaliação da compreensão leitora e não ao ensino da compreensão”. O desafio está justamente em fazer com que o aluno aprenda a construir sentido, interpretar nuances, perceber a intencionalidade do autor e formular uma resposta que vá além do literal. Para isso, é preciso que o professor proponha discussões, comparações entre versões de contos e até debates orais, estimulando a argumentação e a escuta ativa.

No que diz respeito à escrita, não basta pedir que os alunos redijam textos se não há um acompanhamento que permita rever, corrigir e aprimorar o que foi escrito. Antunes (2007, p. 122) afirma que “só se aprende a escrever, escrevendo, revisando, escrevendo de novo”. Isso implica compreender a escrita como um processo que envolve planejamento, produção, reescrita e leitura crítica. Trabalhar com o gênero conto, especialmente os contos de assombração, favorece esse processo, pois o aluno pode planejar sua história com base em experiências pessoais ou relatos orais, explorar diferentes modos de causar suspense e experimentar estilos narrativos variados, como o uso da primeira pessoa, diálogos e descrições.

A oralidade, embora faça parte do cotidiano escolar, muitas vezes é negligenciada como objeto de ensino. Fala-se em sala de aula, mas pouco se ensina sobre como falar bem, como ouvir com atenção ou como participar de uma conversa de forma respeitosa e argumentativa. A BNCC (2018, p. 73) reconhece que “as práticas de linguagem decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos⁴ e de sua

⁴ De acordo com Rojo (2012, p. 19), textos multissemióticos são aqueles que articulam diferentes linguagens, verbal, visual, sonora, gestual, espacial, na construção de sentidos, demandando dos leitores práticas de letramento que ultrapassem a leitura exclusivamente verbal.

interpretação”. Isso significa que a oralidade deve ser trabalhada em situações reais de comunicação, como contação de histórias, leitura expressiva, entrevistas simuladas ou apresentações orais. No caso dos contos de assombração, a oralidade pode ser explorada por meio da dramatização, da criação de narrativas coletivas e da partilha de histórias contadas por familiares, o que também fortalece os laços culturais e afetivos dos alunos com sua comunidade.

Lima (2020, p. 4) lembra que “o aluno, mesmo que ‘decodifique’ os vocábulos, não significa que saiba ler realmente”, reforçando a ideia de que é preciso ensinar o aluno a compreender, interpretar e posicionar-se diante dos textos. Da mesma forma, ele destaca que “a escrita de muitos alunos apresenta muitas inadequações no que se refere à ortografia, à pontuação e ao emprego de recursos linguísticos da Língua Portuguesa” (Lima, 2020, p. 5), e que melhorar esse quadro requer mais do que correções: é preciso criar situações de escrita que tenham propósito, que permitam o erro e a reescrita como partes legítimas do processo.

Assim, a escolha de trabalhar com contos de assombração não se justifica apenas pelo seu apelo lúdico, mas pelo que ele permite em termos de trabalho com as práticas de linguagem: leitura interpretativa, escrita com planejamento e revisão, além da oralidade em contextos reais. É nesse movimento de integração entre conteúdo, contexto e interesse que o ensino de Língua Portuguesa pode se tornar mais próximo e mais produtivo para os alunos.

2.2 A sequência didática e o ensino de gêneros textuais

Trabalhar com gêneros textuais na escola exige um planejamento que respeite a natureza social da linguagem e as experiências concretas dos alunos. A sequência didática, nesse contexto, é uma proposta metodológica que organiza as atividades escolares em torno de um gênero específico, com o objetivo de favorecer a apropriação de suas características, funções e usos. Sua aplicação não se limita à reprodução de um modelo, mas propõe uma vivência prática, em que ler, escrever e refletir sobre os textos ganham um sentido mais significativo para os estudantes.

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010, p. 97), “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Esse tipo de organização permite que o professor trabalhe o texto como um objeto de conhecimento que pode ser compreendido, desmontado e reconstruído, e não apenas como um produto pronto a ser consumido.

A estrutura da sequência didática é dividida em três grandes momentos: produção inicial, módulos de aprendizagem e produção final. Cada etapa cumpre uma função própria e está diretamente ligada ao desenvolvimento das habilidades de linguagem. A primeira produção, por exemplo, tem um papel central no processo, pois serve como diagnóstico: “a produção inicial tem um papel central como reguladora da sequência didática” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2010, p. 104). É a partir dela que o professor consegue visualizar o repertório que os alunos já trazem e, a partir disso, planejar intervenções mais adequadas às suas necessidades.

Durante o período de Residência Pedagógica, essa estrutura serviu de base para a aplicação de uma sequência voltada ao trabalho com o gênero “contos de assombração”. A escolha do gênero partiu da observação do interesse dos alunos por narrativas de mistério e terror, muitas vezes já conhecidas por meio da oralidade e das experiências comunitárias. Trabalhar com um gênero próximo da realidade dos estudantes contribuiu para aumentar o envolvimento com as atividades, pois o conteúdo não lhes parecia distante ou desnecessário.

Com base nessa aproximação, os módulos da sequência foram planejados para explorar os elementos composicionais do gênero, como o enredo linear, o clima de suspense, os personagens arquetípicos e o desfecho inesperado, além de estratégias linguísticas, como o uso de adjetivos sugestivos e verbos no pretérito. Essas atividades não foram aplicadas de forma mecânica, mas em diálogo com as produções dos alunos e suas dificuldades. A ideia não era apenas ensinar o que é um conto, mas mostrar como se constrói uma narrativa que cause impacto no leitor.

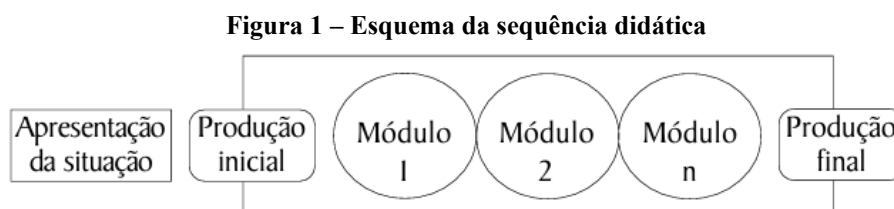
Araújo (2013, p. 323) reforça esse propósito ao afirmar que a sequência didática “procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação”. Nesse sentido, o trabalho não se limita à leitura e escrita por si só, mas visa preparar o aluno para compreender o funcionamento da linguagem em diferentes contextos. Ao reconhecer que cada aluno parte de um ponto distinto, o professor pode promover atividades que respeitem essas diferenças e avancem com cada estudante em seu próprio ritmo.

A produção final, por sua vez, é mais do que um fechamento. Trata-se de um momento de retorno à proposta inicial, agora com mais recursos e consciência do processo de escrita: “no momento da produção final, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2010, p. 98). Nesse estágio, muitos alunos demonstraram avanços significativos na organização das ideias, na construção de descrições e na coesão textual, o que indica que o trabalho desenvolvido não

apenas ampliou o conhecimento sobre o gênero, mas também fortaleceu a relação dos estudantes com a linguagem escrita.

Swiderski e Costa-Hübes (2009, p. 120) apontam que, ao longo dos módulos, “as atividades desenvolvidas passam a conduzi-los a uma autonomia frente aos objetivos propostos”. A construção dessa autonomia é um dos aspectos mais importantes da sequência didática, pois não se trata de reproduzir fórmulas prontas, mas de compreender como se estrutura um texto, quais escolhas precisam ser feitas e como essas escolhas impactam a leitura do outro.

Para ilustrar melhor essa proposta metodológica, os autores Dolz, Noverraz, Schneuwly (2010) apresentam um esquema visual da sequência didática, que sintetiza as etapas e o encadeamento das atividades:



Fonte: Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2010, p. 97.

A figura 1 permite visualizar a lógica por trás do trabalho com gêneros em sala de aula, enfatizando que o aprendizado se dá por meio de etapas interdependentes que formam um ciclo completo de leitura, análise, produção, revisão e reescrita.

Por fim, é importante destacar que a sequência didática também contribui para a formação inicial do professor. Durante a Residência, a elaboração e aplicação dessa proposta permitiram um exercício concreto de planejamento, observação, escuta e avaliação. Em sala de aula, teoria e prática deixaram de ser conceitos abstratos e passaram a dialogar com os rostos e vozes dos alunos.

2.3 O conto como gênero literário

O conto é um dos gêneros mais antigos e significativos da literatura mundial, e seu uso na prática pedagógica tem ganhado destaque, principalmente no contexto do Ensino Fundamental. No caso do conto moderno, sua estrutura mais breve, o número reduzido de personagens e a concentração temática favorecem sua utilização em sala de aula, por permitir

a leitura integral em tempo reduzido e proporcionar discussões sobre elementos da narrativa de forma acessível aos estudantes.

Segundo Giardinelli (1994, p. 54), “no conto são fundamentais o argumento, o assunto e os incidentes”. Essa centralidade da ação permite que o texto avance de forma direta para o conflito, aspecto que chama a atenção dos jovens leitores e contribui para o desenvolvimento da habilidade de síntese e organização de ideias. Lopes (1999, p. 55) complementa afirmando que “o conto é breve, condensado e curto e é essa precisamente a especificidade deste gênero”.

A dimensão condensada do conto também é destacada por Marinello (2009, p. 4), ao apontar que o gênero se caracteriza por “um número limitado de personagens, e que apresenta uma situação condensada e completa”. Tais características estruturais tornam o conto um instrumento e objeto de ensino, especialmente para com alunos que ainda não desenvolveram plenamente o hábito da leitura. Ao contrário de romances longos ou textos excessivamente descritivos, o conto possibilita o contato rápido e eficaz com o universo literário, o que pode estimular o gosto pela leitura.

Sanches (2023, p. 33) afirmar que o conto é “uma forma de narração curta que possui uma estrutura fechada, com uma introdução, desenvolvimento e conclusão”. Essa estrutura definida facilita o trabalho do professor, que pode explorar com os alunos cada uma das partes da narrativa de forma sequencial e significativa, orientando a escrita de textos próprios com base em modelos bem definidos.

Do ponto de vista do ensino, Costa (2014 apud Sanches, 2023, p. 15) ressalta que o conto “concentra-se em eventos não focados em intrigas”, o que permite ao professor trabalhar situações de conflito simples, porém simbólicas, que são compreendidas com facilidade por estudantes do 7º ano. Assim, o conto se apresenta como um gênero que permite trabalhar conteúdos linguísticos, elementos narrativos e aspectos culturais ao mesmo tempo, tudo isso dentro de uma linguagem acessível e com temáticas que podem ser adaptadas ao cotidiano dos alunos.

Ainda é importante observar que o conto, como aponta Gotlib (1990, p. 8), não está preso à realidade, mas opera com liberdade criativa: “nele, realidade e ficção não têm limites precisos [...]. A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo”. Esse aspecto torna o gênero ainda mais interessante para o trabalho com contos de assombração, pois permite aos alunos explorarem a imaginação, suas crenças e seus medos por meio da escrita.

O trabalho com contos, portanto, não se resume a uma abordagem literária isolada. Trata-se de uma proposta que reúne leitura, análise textual e produção escrita dentro de um gênero conhecido e valorizado pelos alunos, como mostram estudos que indicam a preferência dos estudantes por contos de mistério e terror (Rosa; Gomes, 2023). Essa afinidade natural entre o gênero e o interesse do público infantojuvenil precisa ser valorizada como estratégia didática. Nesse sentido, a proposta se articula à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente à Competência Geral 4, que orienta para a compreensão do fenômeno da variação linguística, promovendo atitudes respeitadas diante das diferentes formas de uso da língua e o combate a preconceitos linguísticos. Ao trabalhar com contos de assombração, o professor cria condições para que os estudantes reconheçam a pluralidade de vozes e estilos presentes na tradição oral e na literatura, compreendendo como a língua se manifesta de forma múltipla em diferentes contextos culturais.

Além disso, o trabalho com o gênero mobiliza habilidades específicas como: F67LP26, que incentiva a leitura e apreciação de textos literários em diferentes épocas, estilos e culturas; EF69LP46, que prevê a análise de efeitos de humor, ironia e crítica social em narrativas; EF69LP48, que envolve a leitura e a participação em atividades de dramatização, estimulando a oralidade; EF69LP49, que orienta a análise da relação entre os textos literários e seus contextos históricos, sociais e culturais; e EF69LP50, que incentiva a produção de textos literários autorais, como contos, crônicas, poemas e narrativas de aventura. Dessa forma, o conto, em especial o de assombração, se apresenta como um recurso pedagógico capaz de articular os objetivos do ensino de Língua Portuguesa com os interesses e vivências dos alunos, promovendo o desenvolvimento da leitura crítica, da escrita criativa e da apreciação estética da linguagem literária.

Dessa forma, o conto, em especial o de assombração, se apresenta como um recurso pedagógico capaz de articular os objetivos do ensino de língua portuguesa com os interesses e vivências dos alunos, promovendo o desenvolvimento da leitura crítica, da escrita criativa e da apreciação estética da linguagem literária.

2.4 A Residência Pedagógica e a formação de professores de Português

A formação inicial de professores vem sendo objeto de debates no campo da educação, principalmente no que se refere à necessidade de superar práticas fragmentadas e alheias à realidade escolar. A Residência Pedagógica surge nesse cenário como uma proposta que busca

inserir o licenciando no cotidiano das escolas de educação básica, promovendo o contato direto com os desafios e complexidades da sala de aula. Trata-se de uma experiência que desloca o futuro professor da posição de observador para a de participante ativo, criando condições para uma formação que se dá na convivência, no fazer e no refletir coletivo.

Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (2018, p. 1), “o Programa de Residência Pedagógica é um programa [...] que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior”. A proposta objetiva “fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura” e “conduzir o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente”. Mais do que uma política de estágio supervisionado, a residência propõe uma vivência prolongada e comprometida com o cotidiano escolar.

Essa vivência se organiza a partir de uma imersão gradativa no ambiente da escola, como destaca Freitas, Freitas e Almeida (2020, p. 5):

O Programa parte do princípio da imersão dos alunos, durante dezoito meses consecutivos, em todas as atividades desenvolvidas na escola que lhe é designada. O estudante participa da rotina da escola parceira, inclusive das atividades extrassala promovidas pela escola, a partir do plano de atividade elaborado em conjunto.

Essa participação constante no cotidiano escolar oferece ao residente a possibilidade de compreender de forma mais aprofundada as relações pedagógicas, administrativas e sociais que atravessam a escola pública. Não se trata apenas de aplicar conteúdos previamente estudados na universidade, mas de aprender a ensinar em contextos reais, onde os imprevistos, as demandas específicas dos alunos e a dinâmica escolar exigem adaptação e tomada de decisões.

Nesse sentido, Faria e Diniz-Pereira (2019, p. 344) chamam atenção para o caráter formativo da residência, afirmando que:

A presença da ideia de uma residência na formação docente denota, por si só, a preocupação em se promover uma espécie de formação prática para os (futuros) professores, possibilitando a eles vivenciar processos formativos diretamente vinculados aos contextos escolares reais, nos quais a docência acontece e nos quais, portanto, esses futuros profissionais terão a possibilidade de construir saberes docentes significativos.

A proposta rompe com o modelo tradicional de estágio, muitas vezes reduzido à observação passiva ou à execução pontual de atividades. Em vez disso, propõe uma prática que

seja discutida, planejada e ressignificada coletivamente. Como afirmam Fernandes *et al.* (2011, p. 109 apud Faria; Diniz-Pereira, 2019, p. 339):

A residência pedagógica é um espaço-tempo de formação continuada de professores egressos, no qual se estabelece um diálogo permanente entre os saberes acadêmicos e os saberes da experiência escolar, onde a prática pedagógica é partilhada, discutida e ressignificada a partir dos encontros, da convivência e das situações reais enfrentadas no ambiente educativo.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a experiência vivenciada durante a Residência Pedagógica relatada neste trabalho. O contato com os alunos do 7º ano da Escola Estadual José do Patrocínio não se deu apenas por meio da observação das aulas, mas pela construção coletiva de uma sequência didática, com base no gênero textual “contos de assombração”. Cada etapa, desde o diagnóstico das dificuldades dos alunos até a análise das produções finais, foi realizada com base no cotidiano da sala de aula e nos desafios específicos da turma, e não em um modelo padronizado ou distante da realidade local.

A prática docente, nesse contexto, não é vista como uma repetição de métodos, mas como um campo de decisões, interpretações e criações. Como aponta Faria e Diniz-Pereira (2019, p. 334), “a residência pedagógica apresenta-se como uma das principais ações para a formação inicial de professores”, pois oferece tempo, espaço e mediação para que o licenciando desenvolva um olhar crítico sobre o que ensina, para quem ensina e como ensina.

Nesse movimento, o residente deixa de ser apenas um executor de planos para se tornar um educador em formação, que aprende com o erro, que revê estratégias e que começa a construir seu próprio repertório metodológico. Freitas, Freitas e Almeida (2020, p. 7) sintetizam essa construção quando afirmam:

A residência pedagógica está sendo aprendizagem dia após dia, em cada situação inesperada que se apresenta, em cada gesto dos alunos, em cada conversa com o preceptor, em cada reflexão silenciosa depois da aula. Tudo isso vai se somando para formar o professor que estamos nos tornando.

Assim, a Residência Pedagógica se constitui como um espaço de escuta e de experimentação, onde o residente aprende a lidar com as diferentes formas de aprender dos alunos, com os limites da escola pública e com as possibilidades de uma prática pedagógica que seja coerente com os direitos de aprendizagem e com os contextos socioculturais em que está inserido. A experiência da aplicação da sequência didática com contos de assombração foi construída a partir dessa realidade, não como um modelo pronto, mas como uma resposta

concreta aos desafios de ensinar leitura e escrita em um contexto real, com sujeitos reais, e com histórias que também são reais.

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi construído a partir de uma abordagem qualitativa, com base no relato de experiência vivenciado no âmbito do Programa Residência Pedagógica (RP), vinculado ao curso de Letras da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Nossa caminhada aconteceu na Escola Estadual José do Patrocínio, situada no distrito da Fazendinha, município de Macapá-AP. Essa escola, localizada em um bairro de forte influência cultural ribeirinha, abriga uma comunidade escolar composta, em sua maioria, por estudantes que convivem, desde muito cedo, com histórias sobrenaturais, de visagens, fantasmas, “coisas do outro mundo”. Essas narrativas fazem parte da tradição oral das famílias locais e, talvez por isso, despertam tanto interesse quando aparecem em sala de aula. E foi justamente daí que surgiu a ideia de desenvolver uma sequência didática com o gênero textual conto de assombração.

A proposta foi aplicada em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, composta por 34 alunos. As ações foram realizadas ao longo do ano de 2023, distribuídas da seguinte forma: as observações das aulas ocorreram entre os meses de março, abril e maio; a construção da sequência didática foi realizada nos meses de junho e julho; e a aplicação da sequência se deu entre agosto, setembro e outubro de 2023.

Durante as observações, foi possível perceber que muitos alunos apresentavam dificuldades relacionadas à organização das ideias, ortografia, pontuação, falta de repertório de leitura, além da timidez na oralidade e certo desinteresse pelas propostas de leitura apresentadas. Essas dificuldades foram anotadas cuidadosamente, pois serviram de base para a elaboração da sequência didática. O objetivo foi construir uma proposta pedagógica que fizesse sentido para os estudantes, que dialogasse com o que eles já conheciam e que os convidasse a aprofundar no universo da leitura e da escrita.

A sequência didática recebeu o título “Contos que assombram” e foi dividida em seis módulos (ver apêndice I, p. 35), cada um com atividades pensadas para desenvolver diferentes habilidades dos alunos de forma gradual e interligada. A seguir, apresentamos brevemente cada módulo:

- **Módulo 00 – Apresentação Inicial:** foi o momento de acolhida, ambientação da turma no universo dos contos de assombração, e de realizar a produção inicial. Os alunos participaram de uma roda de conversa inspirada em uma fogueira

simbólica, em clima de mistério, onde relembaram histórias contadas por seus familiares e compartilharam suas primeiras impressões sobre o gênero. Ao fim, escreveram seus primeiros contos e guardaram na “caixa assombrada”, que só seria aberta no final da jornada.

- **Módulo 01 – Apropriação das características sociodiscursivas do gênero:** os alunos foram apresentados ao conto “O soldado da meia-noite”, retirado do livro “A ilha da Pacoca e outros contos assombrados da Amazônia”. Houve uma leitura coletiva, seguida de atividades de análise do enredo, personagens, tempo, espaço, entre outros aspectos estruturais. Também foram incentivados a entrevistar familiares sobre causos de assombração, promovendo um vínculo entre escola e comunidade.

- **Módulo 02 – Comparação de gêneros diversos:** nesta etapa, os alunos compararam contos de assombração com outros gêneros textuais, como reportagem, crônica e texto informativo. O objetivo era ajudá-los a identificar as marcas específicas dos contos de assombração, como o clima de suspense, a presença de elementos sobrenaturais e o desenrolar narrativo.

- **Módulo 03 – Estudo dos elementos estruturais:** os alunos aprofundaram os conhecimentos sobre os elementos que compõem os contos, como narrador, enredo, conflito, clímax e desfecho. Leu-se e analisou-se o conto “A Pedra do Guindaste”, associando-o à cultura local e refletindo sobre sua estrutura narrativa.

- **Módulo 04 – Análise linguística e semiótica:** os estudantes, em grupos, analisaram contos da coletânea e responderam questões sobre adjetivação, figuras de linguagem, uso dos tempos verbais, além de atividades sobre campo semântico e tipologia textual.

- **Módulo 05 – Produção final:** ao fim da jornada, os alunos escreveram uma nova versão do conto de assombração, desta vez mais elaborada, com base no que aprenderam.

É importante ressaltar que, neste trabalho, o foco da nossa análise diz respeito às produções iniciais e produções finais dos alunos. Foi a partir dessas duas atividades que buscamos observar o que mudou na escrita dos estudantes ao longo da proposta, que avanços aconteceram e quais dificuldades ainda apareceram mesmo depois das atividades desenvolvidas. Essa comparação entre o início e o fim da sequência foi o caminho que escolhemos para entender, de forma mais concreta, como o trabalho com os contos de assombração impactou o desenvolvimento da leitura e da escrita na turma.

Para a análise dos resultados, foram selecionadas seis produções textuais escritas no início e ao final da sequência didática, com o intuito de observar os avanços e desafios persistentes no desenvolvimento da escrita dos alunos. Cada produção foi identificada por uma letra (de A a F), representando o autor, e por um número, 1 para a produção inicial e 2 para a produção final. As análises se concentraram em aspectos estruturais do texto, como organização narrativa, uso da pontuação, construção frasal e escolha verbal. Vale ressaltar que os contos não possuem ligação temática ou estrutural entre si, pois foram propostas diferentes em momentos distintos do trabalho em sala. A escolha desses textos levou em conta a representatividade dos avanços e das dificuldades observadas entre os demais alunos da turma.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados observados a partir da comparação entre os textos produzidos pelos alunos no início (indicadas na análise pelo número 1) e no final da sequência didática (indicadas na análise pelo número 2). O objetivo é mostrar as habilidades adquiridas na escrita após as atividades realizadas em sala. Para isso, foram escolhidas 12 produções de texto de seis alunos (nomeados de A, B, C, D, E e F) que representam os seguintes diagnósticos: alunos que adquiriram práticas de linguagem exponencial e alunos que ainda enfrentam dificuldades com a aprendizagem de práticas de linguagem relacionadas ao conto de assombração.

Antes de adentrarmos na análise dos textos, é importante esclarecer a leitura dos códigos aqui utilizados. Temos a seguir a análise das produções textuais A1 e A2, o código A1 indica que é a produção inicial do aluno A e A2 indica que é produção final do mesmo aluno. Essa organização será mantida para as demais análises.

4.1 Análise das produções textuais A1 e A2

A produção A1 (anexo 1, p. 28), relata uma experiência vivida pelo narrador e sua mãe, durante a madrugada, quando escutaram um barulho fora de casa. O medo toma conta do ambiente, até que se descobre que o ruído era causado pelo pai tentando entrar.

Em 2019 umas 1:30 da madrugada eu estava junto com minha mãe na quarta quando aconteceu uma coisa que me deixou muito com medo, alguém tentou abrir a janela do lado de fora da minha casa, fez um Barulho muito alto e fiquei Paralisado, minha mãe com muita coragem mandou eu fecha meu olho e tentar dormi, ela foi até a janela e aBriu muito devaja até que Bum!!! era meu pai tentando entrar. (A1, 2023).

Logo no início do conto, percebe-se uma série de questões que dificultam a compreensão da narrativa. Há a ausência de pontuação adequada, muitas vírgulas são usadas em substituição a pontos finais, o que torna a leitura cansativa. A ortografia apresenta desvios como “devaja”, “fecha”, “dormi”, além do uso aleatório de maiúsculas em palavras como “Barulho”, “Paralisado” e “aBriu”. Outro ponto que chama atenção é a estrutura linear, sem parágrafos. Ainda que a narrativa traga um acontecimento que provocou medo, o texto não desenvolve ambiente, personagens ou clima de mistério, elementos característicos para a construção do conto de assombração.

No conto A2 (anexo 1, p. 28), o aluno demonstra uma mudança significativa em sua escrita. Ele constrói uma narrativa inspirada no universo da Fundação SCP (organização fictícia apresentada em um projeto colaborativo de escrita no formato de *wiki*⁵) que traz criaturas misteriosas escondidas por agências secretas. A história gira em torno de dois irmãos aventureiros que decidem explorar uma instalação abandonada no interior do estado do Amapá e acabam se deparando com um ser ameaçador. A ambientação está presente, há desenvolvimento de personagens e uma conclusão que transmite uma lição moral.

O conto apresenta o seguinte trecho:

Havia uma pequena cidade isolada na região mais remota do Amapá. Nessa cidade, viviam dois irmãos, alex e lucas, que sempre foram conhecidos por seu espírito aventureiro e amor por explorar lugares abandonados [...].

Ao chegar lá, eles encontraram portas e corredores escuros. Cada passo que favam sentiam o ar pesado e o medo começava a consumir suas mentes. A sensação de serem observados era forte, mas eles continuaram a explorar o local. E quando caminhavam pelos os corredores Alex tropeçou em algo e caiu. Ao se levantar Alex viu um mostro com cuparencia humana que se chama SCP96, os irmãos desesperados correram pelos os corredores escuros, enquanto o SPC 96 os pesseguia implacavelmente [...].

Apesar do medo que sentiram os irmãosdes aprenderam uma lição valiosa: Nem todas as aventuras merecem ser exploradas (A2, 2023).

No conto A2 (anexo 1, p. 29), observa-se o avanço do aluno na construção de um enredo. O texto conta com ambientação (uma cidade isolada no Amapá), personagens com motivações definidas (o desejo de aventura), clímax (o encontro com a criatura SCP96) e desfecho com uma moral (o reconhecimento dos perigos ocultos). Mesmo com desvios ortográficos persistentes como “tropeçoi”, “cuparencia”, “pesseguia”, “irmãoes”, “aprederam”, o aluno

⁵ *Wiki* é uma coleção de páginas interligadas que podem ser visitadas e editadas por qualquer pessoa, sem necessidade de conhecimentos técnicos. Trata-se de uma ferramenta colaborativa, democrática e de fácil edição, caracterizada pela criação coletiva de conteúdos e pelo recurso de restauração de versões anteriores, conforme descrito na oficina “Criando um Novo Wiki” da UFMG.

conseguiu manter a coerência do texto, além de explorar recursos de suspense com frases que ajudam a construir tensão, como “cada passo que davam sentiam o ar pesado e o medo começava a consumir suas mentes”.

Outro ponto significativo é o uso adequado do tempo verbal no passado e a tentativa de organizar os eventos em uma sequência lógica como o uso de expressões “Havia uma pequena cidade isolada”, “Ao chegar lá, eles encontraram portas e corredores escuros”. A introdução apresenta o local e os personagens, o desenvolvimento cria o suspense, e o final oferece um desfecho simbólico. A presença da moral da história mostra que o aluno refletiu sobre o que queria transmitir com a narrativa.

4.2 Análise das produções textuais B1 e B2

Na produção B1 (anexo 1, p. 29), o aluno narra um suposto acontecimento vivenciado por ele, sua mãe, seu padrasto e seu irmão. A história se passa no trajeto de volta para casa, após uma visita a amigos, quando, ao olhar para trás, o aluno afirma ter visto uma criança que ninguém mais viu. O conto tem um tom de relato pessoal, com traços de mistério, mas ainda distante da estrutura típica de um conto de assombração. A linguagem aproxima-se da oralidade e o texto é escrito em um único parágrafo.

Trecho do conto B1:

Num dia na madrugada de sábado pra domingo vinha eu, minha mãe meu padrasto e meu irmão. Nos estávamos vindo da casa do nosso amigu, isso já era 3 horas da manhã não tinha ninguém Só nós que estávamos na rua, quando nós já estávamos pra chegar em casa, eu olhei pra traz, foi quando eu vi uma criança correndo e rindo, ela tinha passado atrás da minha mãe, foi quando eu fechei o olho e ela sumiu foi que eu falei pra minha mãe:

— Mãe a senhora viu aquela criança?

e ela falou:

— que criança Kamilly?

Eu perguntei pra todo mundo e ninguém tinha visto (Aluno B, 2023).

O conto B1 é marcado por frases longas, que se estendem sem pausas, tornando a leitura arrastada. A pontuação é inadequada, há ausência de pontos finais e excesso de vírgulas. Do ponto de vista da ortografia, observam-se desvios como “padratro”, “amigu” e “pra traz”, além do uso inadequado de letras maiúsculas, como em “Só”. A tentativa de inserção de diálogo é feita sem as devidas marcas de pontuação e formatação, o que dificulta a distinção entre narração e fala. Em relação a construção narrativa, o conto não desenvolve espaço, personagem ou conflito com profundidade, terminando de forma rápida, sem um desfecho apropriado. Ainda

que o aluno demonstre intenção de provocar algum mistério, a ausência de estrutura e de elementos do gênero impede que o conto funcione como uma narrativa de assombração.

Já no conto B2 (anexo 1, p. 29), o aluno elabora uma narrativa mais ficcional, com personagens com nomes e ambientação definida. A história acompanha três amigas que vão ao shopping e acabam envolvidas em uma situação apocalíptica de ataque zumbi. Apesar de ainda conter problemas de estrutura, coesão e ortografia, o texto apresenta avanço na organização dos eventos e construção do enredo.

O trecho abaixo marca um momento de ação e tensão no conto:

No caminho Katarina viu um homem de roupas todas rasgadas se aproximar, Katarina, Sabrina e Joana, sentirão um fedor, foi que elas perceberam que era um zombi, elas começaram a correr, correr, até acharem um ônibus parado, elas não pensarão duas vezes, e entraram no ônibus, mas do entrarem elas estavam rodeados de zombis... (Aluno B, 2023).

Apesar de conter desvios de norma como “sentirão” e “pensarão” (quando deveriam ser “sentiram” e “pensaram”) e outras formas inadequadas como “zombi”, “do entrarem” e “rodeados”, o trecho já apresenta uma tentativa de construir um momento de clímax. A organização das ações mostra uma sequência lógica e coerente dentro do universo criado. Há tentativa de construção de espaço e de tensão narrativa, elementos que não estavam presentes na primeira produção. Ainda assim, o aluno se afasta do gênero proposto, pois a narrativa se insere mais no universo do terror apocalíptico do que no conto de assombração. Isso revela uma possível confusão entre subgêneros que compartilham o medo como elemento central, mas operam com estruturas e atmosferas distintas.

Em termos linguísticos, o aluno ainda apresenta dificuldades com ortografia (“consequia”, “imediatamente”, “elicóptero”), pontuação e uso do tempo verbal. Além disso, o conto carece de parágrafos, o que compromete a clareza da progressão narrativa. Contudo, é notável o esforço para manter uma sequência de eventos coerente e para criar um enredo completo.

4.3 Análise das produções textuais C1 e C2

Na produção C1 (anexo 1, p. 30), o aluno desenvolveu uma narrativa que mistura elementos de ficção científica, terror e fenômenos sobrenaturais. A história parte da descoberta de uma fita VHS com um suposto caso arquivado que descreve o trabalho de vigiar uma casa repleta de anomalias. O conto tenta envolver o leitor através do mistério e do medo, mas a

estrutura narrativa é instável e os eventos se desenvolvem de forma apressada, com pouco aprofundamento e desorganização textual. A linguagem ainda é muito imatura e a pontuação, praticamente inexistente, o que compromete a clareza do texto, como podemos observar nos trechos da produção C1:

Fita VHS: Caso arquivado uma as, um emprego, onde você terá que vigiar uma casa mas não e uma casa comum nela aparecem vários tipos de anomalias que interferem de vários tipos com a eletricidade, com movéis, objetos, duplicação de coisas e as mais perigosas as entidades, criaturas de aparência humana distocida [...]

[...] meu turno acabou e voltei para casa vi que tinham coisa fora do lugar estranhei mas tudo bem quando percebi que a casa vigiada era a minha fiquei com medo pois tudo que eu vi era na minha casa [...]

[...] a polícia examinou o local e descobriu essa fita o cara foi investigado maslogo foi arquivado. Fim. (Aluno C, 2023).

Esses trechos apresentam uma escrita marcada por desvios ortográficos, como “distocida”, “maslogo” e a ausência de acentuação em palavras como “movéis” (deveria ser móveis). Além disso, nota-se o uso desorganizado de tempos verbais e uma falta de segmentação textual: frases longas, sem pausas claras, que dificultam o entendimento. A coesão textual é comprometida pela ausência de conectores e a progressão dos fatos ocorre de forma atropelada, impedindo o leitor de mergulhar no universo criado. O aluno demonstra criatividade, mas ainda não possui domínio dos elementos narrativos nem das convenções da escrita formal.

No conto C2 (anexo 1, p. 30), nota-se uma evolução significativa. O aluno agora constrói uma história ambientada em uma aldeia isolada na floresta amazônica, onde uma antiga xamã retorna do mundo dos mortos para cobrar uma dívida espiritual. A narrativa é bem estruturada, com personagens definidos, ambientação detalhada e um conflito que se desenvolve ao longo da história. Há uma tentativa clara de produzir um conto de assombração, com uso de elementos culturais e místicos que enriquecem o conto, como mostram os trechos da produção C2:

Em uma noite escura e tempestuosa, no coração da amazônia no Amapá, havia uma pequena aldeia isolada, conhecida como vila das almas perdidas. [...]

Uma noite, um jovem corajoso chamado Mateus, decidiu investigar a Lenda. Empunhando um lanterna de gravetos e coragem, ele adentrou a floresta sombria. Lá, ele encontrou uma gruta antiga. No interior, descobriu antigas artefatos e inscrições sinistros.

De repente, na gruta, tarde da noite, uma figura surgiu diante de Mateus, a xamã. Com olhos brilhantes contra o pacto para que Mateus a ajudasse, Mateus então luta em uma batalha épico contra o lado mal do pacto [...]

A Lenda é encerrada, e a Vila das almas Perdidas finalmente conheceu a paz. Mas, dizem que as noites de tempestade, ainda se ouvem sussurros das árvores, lembrando a todos da noite em que a coragem e a bravura venceram o terror ancestral. (Aluno C, 2023)

Nesse conto, há mais domínio da estrutura narrativa, o texto tem começo, meio e fim. O clima sombrio é bem estabelecido com frases como “noite escura e tempestuosa” e “sussurros das árvores”, que são típicas do gênero assombração. O aluno também apresenta melhorias no uso de tempos verbais e na coesão entre as partes do texto. Ainda aparecem desvios ortográficos, como “batalha épico” (erro de concordância), e “lado mal” (deveria ser “lado mau”), mas a construção narrativa está muito mais estruturada em comparação com o conto C1.

Do ponto de vista linguístico, ainda é possível identificar desvios na ortografia, como o uso de palavras como “épico” sem acento e a ausência de vírgulas em alguns lugares. No entanto, o aluno demonstrou que compreendeu melhor o funcionamento da pontuação e a necessidade de desenvolver os elementos da narrativa de forma completa.

4.4 Análise das produções textuais D1 e D2

O conto D1 (anexo 1, p. 31), apresenta uma narrativa com elementos de amizade, traição e vingança sobrenatural. Três amigas que vivem em uma fazenda compartilham uma amizade aparentemente forte, até que, por motivos não totalmente claros, duas delas tiram a vida da terceira. Após o crime, as assassinas passam a ser assombradas pelo espírito da vítima. Embora a história tente se aproximar do gênero conto de assombração, ainda há confusão entre o terror e o conto de assombração, além de uma estrutura narrativa bastante frágil, conforme apresentam os trechos da produção D1:

Bom... em uma cidade, bem distante dela avia três garotas, elas moravam em uma fazenda elas eram muito amigas suas famílias se conheciam a ruiva se chamava Laura, a loira Astrid e a morena Dani [...]

Dani pegou Astrid e a engasgou até a morte, Laura não escapou da mão de Dani, passou anos e ninguém até Hoje sabe o que matou Astrid e Laura [...] (Aluno D, 2023).

O texto inicia com um tom de oralidade (“Bom...”), o que compromete a formalidade esperada para o gênero. A pontuação é mal empregada: frases longas, ausência de pontos finais e uso repetitivo de vírgulas, dificultando a leitura. A construção dos personagens é superficial, com foco apenas na aparência (“a ruiva”, “a loira”, “a morena”), o que empobrece o texto. O uso da expressão “engasgou até a morte” no lugar de “estrangulou” e palavras como “avia” (por “havia”) revelam a necessidade de maior domínio do vocabulário e da ortografia.

A narrativa apresenta uma sequência confusa de eventos e o final acontece de maneira apressada, sem ambientação adequada, sem clímax e sem detalhamento da motivação das ações. Apesar de alguns elementos sobrenaturais (a alma que retorna para assombrar), o clima de assombração não se sustenta por falta de construção narrativa sólida.

No conto D2 (anexo 1, p. 31), o mesmo aluno apresenta uma narrativa com maior complexidade. A história acompanha Mavis, uma jovem que se muda com sua avó para estudar medicina e, ao se envolver em um curso prático, acaba frequentando um hospital que carrega uma maldição. A narrativa se desenvolve em torno do mistério do local, da figura da Sr. Smith, uma entidade sobrenatural, e da experiência assustadora vivida pelos personagens, como ilustram os trechos da produção D2:

A História que venho contar alguns que não estão acostumados podem se arrepiar, pois ela vai lhe trazer sentimentos inexplicáveis [...]

Will falou “que na proxima aula eles iriam fazer o curso ne no Hospital Sr. Smith life, Mavis foi contar a sua avó, Lucinda demonstrou uma expressão diferente ficou Horrorizada quase tendo um “treco” ela implorou para a Neta não ir aquela aula, que era diabólica, chorou na frente de Mavis ficou sem entender nada, mas pensou “Hã, minha vó deve está ficando louca” quando foi de manhã Mavis [...]

Estiven já estava à espera dela eles foram para o hospital ao chegarem lá o Will, o medico estavam tudo indo bem até que Will começou a falar umas coisas nada a ver, o que deixou todos um pouco perturbados Ele falo: Vocês Vieram dei-me suas almas que as tirei querendo ou não”, de imediato foi uma zoação todos riram até que apareceu uma mulher um toda de Branco, seus olhos ensanguentados mais bem arregalados, a boca estava rasgada e seus dentes eram muito afiados suas unhas afiaderrimas ela era bem magra, Will olhou pra ela e falou “aqui está mamãe pode devoralos, mata-los”” Mavis ficou: KARA ELA É A MÃE DELE?? Estiven FICOU EM CHOQUE, óbvio que eles tentaram fugir mas a Sr. Smith era muito rápida e assustadora, agarrou Estiven e Mavis abriu seu bocão e NHEC, BYE, BYE Estiven e Mavis (Aluno D, 2023).

O conto D2 apresenta uma estrutura narrativa mais elaborada. Há um conflito definido, ambientação adequada (hospital antigo, rituais, segredos), personagens com funções claras, além de suspense e clímax bem definidos. O aluno mostra mais segurança na organização da narrativa e avança na construção de personagens e cenas. Mesmo com uso de expressões orais (“treco”, “KARA”, “NHEC, BYE, BYE”), a história tem começo, meio e fim, e mantém o leitor envolvido.

Persistem alguns desvios ortográficos como “acostumados”, “afiaderrimas”, “devoralos”, além de frases mal segmentadas e uso incorreto da pontuação. Contudo, nota-se um esforço do aluno em usar discurso direto e elementos linguísticos para dinamizar o texto, o que representa avanço importante em relação à produção anterior.

4.5 Análise das produções textuais E1 e E2

No conto E1 (anexo 1, p. 32), o enredo gira em torno de um menino chamado Augusto, que se perde no mato, encontra uma criatura assustadora e acaba sendo devorado por ela, para, ao final, descobrir que tudo não passou de um sonho. O conto, embora tenha como base o medo, não configura um conto de assombração. A falta de ambientação, a ausência de estrutura narrativa consistente e a linguagem muito desorganizada tornam o conto mais parecido com um relato confuso de pesadelo, como exemplificar o trecho abaixo:

A um dia um menino chamado Augusto se perdeu no mato, minutos se pasaram e não encontrou o caminho para sua casa, ate que derrepente ele ouvil um barulho, logo esse barulho se aproximou, aparecel uma minhoca gigante faminta querendo com ele, e logo isso aconteceu. (Aluno E, 2023).

A análise desse trecho mostra que o aluno tem dificuldades em diversos aspectos linguísticos. Do ponto de vista fonológico e ortográfico, é possível observar desvios ortográficos: “A um dia” (em vez de “Há um dia”), “pasaram” (por “passaram”), “derrepente” (forma incorreta de “de repente”), “ouvil” (por “ouviu”), “aparecel” (por “apareceu”) e “com ele” (no lugar de “comê-lo”).

No aspecto morfológico, percebe-se pouco domínio da flexão verbal e uso inadequado de tempos e modos verbais. Já na sintaxe, o aluno apresenta frases mal construídas, conectadas apenas por vírgulas, sem pontuação adequada. Do ponto de vista semântico, a progressão de ideias não segue uma lógica clara, e no plano da pragmática, a intenção de assustar o leitor se perde na desorganização da linguagem.

Em relação a estrutura do conto, a narrativa não apresenta uma introdução sólida, o clímax é vago e o desfecho acontece de maneira apressada, como se o aluno apenas quisesse encerrar a história com uma saída rápida, no caso, o sonho. O gênero conto de assombração não é reconhecido na produção, faltando elementos fundamentais como ambientação, tensão gradativa e presença de um elemento sobrenatural com vínculo cultural.

No conto E2 (anexo 1, p. 32), o aluno demonstra um avanço na organização do texto e na tentativa de construir um enredo. O aluno apresenta a história de Joaquim, que, desafiado pelos primos, decide visitar uma fortaleza misteriosa. A ambientação, embora simples, está mais presente, e a narrativa segue uma sequência lógica de acontecimentos. O clímax se dá quando o personagem encontra uma figura monstruosa, e o desfecho se concretiza com sua morte. Seguem os trechos da produção E2:

Quando ele estava no meio do caminho logo bateu um arrependimento mas não desistiu porque ele pensava que o primo deles iriam zombar dele, então ele continua caminhando até a fortaleza.

Então logo quando ele chegou ao local as 00:38, Ele logo foi arrumar um lugar para gritar, quando ele achou gritar, quando ele achou Gritou bem alto apondo de ouvi o grito bem longe quando ouviu som assustador, sentia a terra tremer e via sombra e corria indo atrás de Joaquim, Joaquim corre e correu mas tropesa, ele só via uma pessoa grande tampando o rosto com garra enorme, logo o menino deu seu ultimo grito de socorro e morreu. (Aluno E, 2023).

Nessa produção, há uma tentativa de criar motivação para a ação do personagem e de desenvolver o suspense, ainda que a ambientação não seja suficientemente construída. Analisando os aspectos linguísticos, o aluno ainda apresenta dificuldades, especialmente no uso dos tempos verbais (“continua” em vez de “continuou”) e na ortografia (“ultimo” sem acento, “tampando”, “garra”).

A progressão narrativa é mais perceptível do que no conto E1, o personagem tem um objetivo, enfrenta um desafio e sofre as consequências. Ainda que o enredo se aproxime mais do terror do que do conto de assombração, por focar no ataque físico e não no mistério sobrenatural, já se percebe uma tentativa de seguir a estrutura do gênero trabalhado em sala.

4.6 Análise das produções textuais F1 e F2

No conto F1 (anexo 1, p. 32), o aluno tenta criar uma narrativa de medo a partir de uma experiência na casa da tia. O conto apresenta elementos do cotidiano, como o convívio com familiares, e tenta inserir uma situação misteriosa envolvendo a prima que chega durante a madrugada. No entanto, a construção narrativa é superficial, com trechos sem conexão e ausência de desenvolvimento dos elementos do gênero, conforme apresenta o trecho da produção F1:

Durante a noite, eu pensei que ia ser uma ótima noite, mas. Aconteceu coisas muito “Sombria e assustadora”. Minha prima chegou em casa 1:00 da madrugada, ela começou a bater no portão e gritar eu chorei de tanto medo.” (Aluno F, 2023).

Esse trecho apresenta uma série de problemas linguísticos. Do ponto de vista ortográfico, há desvios como “ótima” (sem acento). A pontuação é mal utilizada (“mas.”), com frases longas e justapostas que dificultam a leitura, como o trecho “ela começou a bater no portão e gritar eu chorei de tanto medo”, o aluno conecta duas ações distintas em uma única frase, sem uso de pontuação adequada para separá-las. O uso de maiúscula em palavras que não são a primeira frase ou nome próprio (“Sombria”). A estrutura sintática também é confusa.

Na organização narrativa, o conto não apresenta ambientação, construção adequada de personagem ou desenvolvimento do enredo. O leitor não entende o motivo do medo, nem quem realmente é a figura que assusta o narrador. A tentativa de inserir mistério se perde na construção. O final é repentino, com uma conclusão vaga e sem efeito narrativo.

A linguagem utilizada, tanto no nível pragmático quanto semântico, é imatura para o gênero. O suspense não se sustenta e o clima de assombração não é construído com base em imagens sensoriais ou eventos sobrenaturais consistentes. O que se vê é um relato informal, sem progressão narrativa.

Na produção F2 (anexo 1, p. 33), o aluno apresenta uma história com muito mais elementos narrativos. A narrativa acompanha um grupo de amigos que retorna de uma festa e passa a ser perseguido por um soldado assombrado no Vale Verde. O conto apresenta personagens com nomes, ambientação, conflito e clímax, ainda que a estrutura do gênero continue se aproximando mais do terror do que do conto de assombração tradicional.

Trechos da produção F2:

Em uma noite de halloween. Eu e meus amigos que estávamos voltando para a casa depois de uma festa lá na minha sala que foi acaba lá pelas meia-noite. Um dos meus amigos Davi queria contar histórias de terra ate chegar em casa, Ele começou falando da menina da escola abandonada e depois a do menino que morreu para matar garota. Ele começou a contar: [...]

É ele corre atrás da gente com um machado falando:

Vão embora!?

É nos começamos a corre dele grilando:

- SOCORRO, SOCORRO1?

Uns vizinhos saem da casa. Derepente a Ana cai no chão. Olhamos para trás não tinha ninguém só os vizinhos, não tinha nenhum soldado (Aluno F, 2023).

Esses trechos apresentam avanços importantes que o aluno conseguiu alcançar. O aluno tenta usar o discurso direto, cria um clímax com perseguição e apresenta os personagens em ação. No entanto, ainda há muitos desvios: uso de “nos” (em vez de “nós”), “grilando” (em vez de “gritando”) e uso indevido de pontuação, além da interferência de algarismos (“SOCORRO1?”). Há também uso informal de vocabulário (“É ele corre”), que fragiliza o estilo narrativo.

Em relação à estrutura do conto, o aluno melhora a progressão narrativa, apresentando início, desenvolvimento e desfecho. O suspense é mais bem trabalhado, com momentos de ação e sensação de perigo. A ambientação, embora simples, é construída por meio da lenda do soldado e da perseguição no local. E nessa produção o aluno mostrou mais domínio sobre a construção da cena.

Ainda assim, o texto permanece preso a vícios da oralidade, como em “É ele corre atrás da gente com um machado falando” e “É nos começamos a corre dele grilando”. A pontuação inadequada, o uso excessivo de frases coordenadas sem conexão clara, como em “Uns vizinhos saem da casa. Derepente a Ana cai no chão. Olhamos para trás não tinha ninguém só os vizinhos, não tinha nenhum soldado” e os desvios ortográficos indicam que a revisão textual ainda é uma habilidade pouco desenvolvida.

Apesar desses desvios, a produção final mostra que o aluno avançou bastante na estrutura da narrativa e no uso de elementos do gênero. Ele tenta dar voz aos personagens, insere ação e conflito e apresenta um desfecho coerente. Mesmo que o conto tenha se aproximado mais de um subgênero do terror, o sentimento de medo e mistério foi bem elaborado.

A comparação entre os contos produzidos no início e no final da sequência didática permitiu observar avanços significativos na escrita dos alunos, especialmente no que diz respeito à estrutura narrativa, organização textual e uso de recursos linguísticos. Ainda que as evoluções tenham ocorrido em diferentes níveis, a maioria dos estudantes demonstrou apropriação de forma gradual das características básicas do gênero conto de assombração.

De forma geral, identificou-se maior atenção à construção do enredo, com presença de personagens nomeados, ambientação definida e tentativa de desenvolvimento do clímax. Esse movimento ficou aparente principalmente nas produções finais dos alunos A, C e D, que conseguiram organizar suas histórias com começo, meio e fim, respeitando a lógica interna da narrativa. Nesses casos, nota-se o desenvolvimento da habilidade EF67LP30, voltada para a criação de narrativas ficcionais com uso adequado de elementos narrativos.

Algumas produções também apresentaram sinais do trabalho com a habilidade EF69LP47, ao buscarem descrever cenários, introduzir elementos sobrenaturais e construir efeitos de suspense. Termos como “gruta escura”, “vale amaldiçoado”, “olhos brilhantes”, entre outros, aparecem nas narrativas como marcas de uma tentativa de mobilização de recursos expressivos do gênero.

No entanto, também foram identificadas fragilidades recorrentes, principalmente nas produções dos alunos B, E e F. Essas fragilidades dizem respeito à ortografia, à pontuação, ao uso dos tempos verbais e à ausência de coesão entre as partes do texto. Tais questões apontam para a necessidade de ações mais sistemáticas de revisão e reescrita, relacionadas às habilidades EF67LP32 e EF07LP08, que tratam da escrita formal e do uso de adjetivos para enriquecer o texto.

Outro ponto relevante foi a oscilação entre o conto de assombração e subgêneros do terror, como o apocalipse zumbi e narrativas inspiradas em jogos e lendas da internet. Ainda que esse deslocamento revele o repertório cultural dos alunos, também mostra que parte deles compreendeu o medo como elemento central, mas não reconheceu plenamente as convenções do gênero. Esse aspecto dialoga com a habilidade EF67LP28, pois evidencia uma leitura parcial das características dos gêneros textuais trabalhados.

Por fim, observou-se que, mesmo com os desvios ortográficos, os alunos demonstraram envolvimento com o processo de escrita. O gênero escolhido possibilitou que eles mobilizassem experiências pessoais, referências culturais e criatividade, o que contribuiu para o desenvolvimento da autonomia e da expressão escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções analisadas ao longo deste trabalho permitiram acompanhar, em diferentes momentos, os deslocamentos dos alunos diante da proposta de escrita do conto de assombração. No início, as narrativas mostraram-se bastante próximas da oralidade, com desvios de pontuação, ortografia e fragilidades na organização do enredo. Já nas produções finais, observamos tentativas mais consistentes de estruturar a narrativa, introduzindo cenários, personagens e sequências de ações, embora ainda marcadas por problemas de coesão e pela confusão entre subgêneros do terror.

O objetivo da pesquisa foi analisar os avanços e as dificuldades dos alunos nesse processo, comparando produções iniciais e finais. Esse objetivo foi alcançado de forma parcial, uma vez que foi possível identificar progressos importantes na criação de suspense e na construção de ambientes narrativos, mas persistiram dificuldades ligadas ao encadeamento lógico e ao uso do tempo verbal. O aluno F, por exemplo, conseguiu desenvolver uma ambientação mais elaborada, valendo-se de expressões temporais como “em uma noite de halloween” e explorando a tensão com a entrada do “soldado do vale verde”. Já o aluno C manteve a narrativa muito próxima da oralidade, sem consolidar o enredo ou desenvolver um clímax que caracterizasse o gênero.

As atividades realizadas em sala favoreceram o reconhecimento de elementos essenciais da narrativa, como a apresentação de cenário, a progressão temporal e a inserção de personagens em situações de conflito. O suspense e a ambientação, ainda que de forma incipiente, começaram a aparecer com maior clareza nas produções finais. Esse avanço indica que a leitura

compartilhada de contos e a discussão coletiva foram decisivas para que os estudantes experimentassem recursos próprios do gênero. Ainda assim, em alguns textos, observamos confusões entre narrativas de assombração e outros subgêneros do terror, revelando que esse aspecto necessita de maior aprofundamento.

Entre as limitações da pesquisa, destacamos o fato de que o trabalho foi desenvolvido apenas com uma turma, o que restringe a generalização dos resultados. Além disso, não foi realizada a reescrita dos mesmos contos iniciais, mas sim uma nova produção ao final da sequência didática, o que impediu observar de modo mais direto como os alunos revisariam e reestruturariam seus próprios textos.

A análise também contribui para a formação de professores, ao ressaltar a importância de acompanhar os processos de escrita, e não apenas os produtos. Esse olhar permite compreender que os desvios fazem parte do percurso de aprendizagem e devem ser tratados como oportunidades de intervenção pedagógica. Como sugestão para pesquisas futuras, seria pertinente ampliar a aplicação da sequência didática para outras turmas e faixas etárias, de modo a verificar como diferentes contextos impactam os resultados, bem como aprofundar a análise dos efeitos da leitura literária na produção escrita dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de língua sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como faz) sequência didática? **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 322-334, jan./jul. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufc.br/entrepalavras/article/view/148>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CAPES. **Programa de Residência Pedagógica**: edital nº 06/2018. Brasília: CAPES, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/01032018-edital-6-2018-residencia-pedagogica-pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. rev. e ampl.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FARIA, Juliana Batista; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Residência pedagógica: afinal, o que é isso? **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 333–356, 2019. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/9024>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FERNANDES, Gláucia Braga Ladeira et al. Residência pedagógica: universidade, escola e egressos de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores / UERJ. In: FONTOURA, H. A. (Org.) **Residência Pedagógica: Percursos de formação e experiências docentes na Faculdade de Formação de Professores da UERJ**. Niterói: Intertexto, 2011. p. 107-118.

FREITAS, Mônica Cavalcante de; FREITAS, Bruno Miranda; ALMEIDA, Danusa Mendes. Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente. *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GIARDINELLI, Mempo. **Assim se escreve um conto**. Trad. Charles Kiefer. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

LIMA, Marilurdes Menezes de. O ensino de língua portuguesa: perspectivas acerca da oralidade e escrita no ensino básico. **VII Congresso Nacional de Educação – CONEDU**, Goiana – PE, 2020. Disponível em: <https://conedu.com.br/artigos/o-ensino-de-lingua-portuguesa-perspectivas/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

LOPES, Maria Adelaide Gomes. O conto como gênero literário. **Educação e Tecnologia: Revista do Instituto Politécnico da Guarda**, Guarda, n. VI, p. 53–56, 1999. Disponível em: <https://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/742/1/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

MARINELLO, Adiane Fogali. **O gênero textual conto fantástico**. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, v. 5, 2009. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/o_genero_textual_conto_fantastico.pdf. Acesso em: 10 de jun. de 2025

MENDES, A. **Criando um novo Wiki**. UFMG, s.d. Disponível em: <https://homepages.dcc.ufmg.br/~amendes/EAD/Oficina3/wiki.htm>. Acesso em: 2 set. 2025.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264 p.

ROSA, Janaína Cristine da; GOMES, Elemar Lúcio Ferreira. **A preferência do gênero contos de mistério e de terror no gosto literário dos alunos do Ensino Fundamental**. Taquara: Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT, 2023. Disponível em: <<https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/A%20PREFERENCIA%20DO%20GENER%20CONTOS%20DE%20MISTERIO.pdf>>. Acesso em: 13 de jun. de 2025.

SANCHES, Murilo Henrique da Cruz. **O gênero conto nos anos finais do ensino fundamental: leitura e produção de texto**. 2023. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/server/api/core/bitstreams/31238549-0839-4d00-bea5-9ae6ae0b5a26/content>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução: Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SWIDERSKI, Rosiane Moreira da Silva; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Abordagem sociointeracionista & sequência didática: relato de uma experiência. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 10, n. 18, p. 113-128, 2009. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguagens/article/view/3821>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ANEXOS

ANEXO I – CONTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

Conto A1
A Paralisia
Em 2019 umas 1:30 da madrugada eu estava junto com minha mãe na quarta quando aconteceu uma coisa que me deixou muito com medo, alguém tentou abrir a janela do lado de fora da minha casa, fez um Barulho muito alto e fiquei Paralisado, minha mãe com muita coragem mandou eu fecha meu olho e tentar dormi, ela foi até a janela e aBriu muito devaja até que Bum!!! era meu pai tentando entrar.
Conto A2
Havia uma pequena cidade isolada na região mais remota do Amapá. Nessa cidade, viviam dois irmãos, alex e lucas, que sempre foram conhecidos por seu espirito aventureiro e amor por explorar lugares abandonados. um dia, enquanto pesquisavam na internet sobre locais misteriosos, eles se depararam com informações sobre um antiga instalação governamental abandonada que era conhecida como SCP”. Segundo os relatos, esse lugar abrigava criaturas misteriosas e perigosas, e estava sendo mantido em segredo pelo governo. intrigados com a descoberta, os irmãos decidiram que explorar a instalação seria a maior aventura que enfrentariam. Eles se prepararam com lanternas, câmaras e equipamentos de proteção, e partiram em direção à instalação. Ao chegar lá, eles encontraram portas e corredores escuros. Cada passo que favam sentiam o ar pesado e o medo começava a consumir suas mentes. A sensação de serem observados era forte, mas eles continuaram a explorar o local. E quando caminhavam pelos os corredores Alex tropeçoi em algo e caiu. Ao se levantar Alex viu um mostro com cuparencia humana que se chama SCP96, os irmãos desesperados correram pelos os corredores escuros, enquanto o SPC 96 os pessegua implacavelmente. Pos um milagre, alex e lucas finalmente conseguiram encontrar uma saída e se refugiram em um local seguro. Apesar do medo que sentiram os irmãosos aprederam uma lição valiosa: Nem todas as aventuras merecem ser exploradas.

Conto B1
As 3 horas da Manhã
Num dia na madrugada de sábado pra domingo vinha eu, minha mãe meu padratro e meu irmão. Nos estavamos vindo da casa do nosso amigu, isso já era 3 horas da manhã não tinha ninguém Só nós que estavamos na rua, quando nós já estavamos pra chegar em casa, eu olhei pra traz, foi quando eu vi uma criança correndo e rindo, ela tinha passado atrás da minha mãe, foi quando eu fechei o olho e ela sumiu foi que eu falei pra minha mãe: - Mãe a senhora viu aquela criança? e ela falou: - que criança Kamilly? Eu perguntei pra todo mundo e ninguém tinha visto
Conto B2
O apocalipse zombi em Macapá
Katarina é um menina muito alegre brinca sai com suas amiga, Joana e Sabrina. Um dia ao chegar da escola ela pediu para ir ao Shopping, ela chamou Sabrina e Joana para ir com ela, então elas foram. No caminho Katarina viu um homem de roupas todas rasgadas se aproximar, Katarina, Sabrina e Joana, sentirão um fedor, foi que elas

perceberam que era um zombi, elas começaram a correr, correr, até acharem um ônibus parado, elas não pensaram duas vezes, e entraram no ônibus, mas ao entrarem elas estavam rodeadas de zombis, um deles tentou pular em Sabrina mas ela conseguiu se esquivar, foi que Joana ligou para seu pai que era policial, ele imediatamente conseguiu um helicóptero, ao chegar no local ele chamou elas pelo rádio, foi que elas três conseguiram sair. Ele levou elas para casa, Katarina ficou Junto com Sabrina e Joana, elas se trancaram no porão e só saíram quando tudo se normalizou.

Conto C1

A cara das anomalias VHS

Fita VHS: Caso arquivado uma vez, um emprego, onde você terá que vigiar uma casa mas não é uma casa comum nela aparecem vários tipos de anomalias que interferem de vários tipos com a eletricidade, com móveis, objetos, duplicação de coisas e as mais perigosas as entidades, criaturas de aparência humana distorcida, tome cuidado, o trabalho é reportar as anomalias para a agência anti-anomalias, o emprego começa a partir de amanhã. Salário 10.000 por noite.

- O trabalho começa às 10 horas estava confiante os objetos mudavam e se deslocavam de lugar coisas se duplicando mas tranquilo foi quando a central liberou uma nova câmera do porto ela começou a abrir e eu logo reporteí mas ela não voltou ao normal estranhei pois era pra voltar ao normal volteí e reporteí novamente ela se fechou. Ufa ainda bem volteí para os quartos e percebi que a porta não havia fechado pois as anomalias entraram, e na cozinha havia uma entidade de aparência humanoíde se contorcendo pela cozinha fiquei assustado mas o reporteí e logo ela sumiu meu turno acabou e volteí para casa vi que tinham coisa fora do lugar estranhei mas tudo bem quando percebi que a casa vigiada era a minha fiquei com medo pois tudo que eu vi era na minha casa, fui dormir achando que eu estava doido quando no meio da noite uma figura estava no meu quarto foi quando eu levanteí e corri mas era tarde.

A polícia examinou o local e descobriu essa fita o caso foi investigado mas logo foi arquivado. Fim

Conto C1

A vingança da xamã amaldiçoada

Em uma noite escura e tempestuosa, no coração da Amazônia no Amapá, havia uma pequena aldeia isolada, conhecida como Vila das Almas Perdidas. Os moradores da aldeia eram cuidadosos e não ousavam falar sobre a Lenda que assombrava o local há gerações.

A Lenda dizia que nas profundezas da floresta, vivia um espírito de uma antiga xamã. Ela foi uma guardiã do conhecimento ancestral, mas sua sede de poder a levou a fazer um pacto sombrio com forças das trevas. Agora, seu espírito vingativo assombrava a vila buscando vingança.

Uma noite, um jovem corajoso chamado Mateus, decidiu investigar a Lenda. Empunhando uma lanterna de gravetos e coragem, ele adentrou a floresta sombria. Lá, ele encontrou uma gruta antiga. No interior, descobriu antigas artefatos e inscrições sinistros.

De repente, na gruta, tarde da noite, uma figura surgiu diante de Mateus, a xamã. Com olhos brilhantes contra o pacto para que Mateus a ajudasse, Mateus então luta em uma batalha épica contra o lado mal do pacto, ele em um momento de genialidade a aprisiona em uma das armadilhas da gruta.

Ao amanhecer, Mateus retorna da vida com os xamãs de lá para realizar o ritual para retirar o pacto da xamã, o ritual é feito e o mal erra. A Lenda é encerrada, e a Vila das Almas Perdidas finalmente conheceu a paz. Mas, dizem que as noites de tempestade, ainda se

ouvem sussurros das árvores, lembrando a todos da noite em que a coragem e a bravura venceram o terror ancestral.

CONTO D1

3 Corações 3 Vidas 3 MORTES

Bom... em uma cidade, bem distante dela avia três garotas, elas moravam em uma fazenda elas eram muito amigas suas famílias se conheciam a ruiva se chamava Laura, a loira Astrid e a morena Dani, um dia os pais de Dani decidiram colocar ela no colégio na idade, ela logo foi contar para as duas amigas, óbvio que elas imploravam para seus pais, eles colocaram elas, no colegio junto com Dani, passou meses elas três estudando juntos, até que Astrid e Laura se revoltaram com Dani elas armaram um emboscada e mataram a facadas a Dani, passou meses e ninguém desconfia delas até que um dia Dani apareceu dentro do quarto delas no mesmo tempo

Dizendo chorando – Por que vocês fizeram isso comigo

Dani estava flutuando com um monte de facas Astrid que teve a ideia de matar Dani começou a chorar dizendo – me perdoe, por favor

Dani pegou Astrid e a engasgou até a morte, Laura não escapou da mão de Dani, passou anos e ninguém até Hoje sabe o que matou Astrid e Laura, todos acreditam que elas estão desaparecidas até Hoje porque os corpos não foram encontrado

FIM

Conto D2

O HOSPITAL

A História que venho contar alguns que não estão acostumados podem se arrepiar, pois ela vai lhe trazer sentimentos inexplicáveis eu lhe garanto que vai gostar começa assim: em uma pequena cidade quase esquecida, morava uma mulher chamada Mavis que tinha 21 anos e sua avó Lucinda bem idosa, Mavis, tinha um sonho imenso de ser Médica então foi fazer um curso, mas esse curso só havia em uma cidade Vizinha, Bom para realizar esse sonho ela mudou-se para essa cidade junto óbvio com sua vovó, passando-se algumas semanas ela já estava acostumada com a cidade e no curso ela conheceu o Estiven eles se tornaram bem proximos tudo indo normal, até que mudou de professor veio um professor meio que suspeito cha ado Will, Will falou “que na proxima aula eles iriam fazer o curso ne no Hospital Sr. Smith life, Mavis foi contar a sua avó, Lucinda demonstrou uma expressão diferente ficou Horrorizada quase tendo um “treco” ela implorou para a Neta não ir aquela aula, que era diabólica, chorou na frente de Mavis ficou sem entender nada, mas pensou “Hã, minha vó deve está ficando louca” quando foi de manhã Mavis olhou no calendário e a data marcada Sexta-feira 12, ela pensou que estaria tudo normal, Estiven já estava à espera dela eles foram para o hospital ao chegarem lá o Will, o medico estavam tudo indo bem até que Will começou a falar umas coisas nada a ver, o que deixou todos um pouco perturbados Ele falo: Vocês Vieram dei-me suas almas que as tirarei querendo ou não”, de imediato foi uma zoação todos riram até que apareceu uma mulher um toda de Branco, seus olhos ensanguentados mais bem arregalados, a boca estava rasgada e seus dentes eram muito afiados suas unhas afiaderrimas ela era bem magra, Will olhou pra ela e falou “aqui está mamãe pode devoralos, mata-los” Mavis ficou: KARA ELA É A MÃE DELE?? Estiven FICOU EM CHOQUE, óbvio que eles tentaram fugir mas a Sr. Smith era muito rápida e assustadora, agarrou Estiven e Mavis abriu seu bocão e NHEC, BYE, BYE Estiven e Mavis Depois do desaparecimento de Mavis e Estiven, houve uma série de desaparecimentos, sem parar, e sim todos que iam a esse maldito curso, jovens que iam mas não voltavam começaram a descofiar do professor Will, porem a justiça de lá muito fraca e não prendeu o Will, mal os policiais a vizinhaça sabia que o queridinho professor

atrais vítimas para o karma da sua mãe que estava morta, para saberem sobre a história da Sr.Smith e só pedirem a parte 2 ok?... Continuando aquele hospital ficou tão conhecido por seus mistérios que hoje inventaram um monte de teorias, mas uma coisa sabemos que aquele espirito da Sr.Smith irá sumir com todos os jovens daquela cidade, cuidado quando for entrar num hospital estranho nunca sabemos o que vamos encontrar.

CONTOS COM DIFICULDADES PERSISTENTES

Conto E1
A enganação A um dia um menino chamado Augusto se perdeu no mato, minutos se passaram e não encontrou o caminho para sua casa, ate que derrepente ele ouvil um barulho, logo esse barulho se aproximou, aparecel uma minhoca gigante faminta querendo com ele, e logo isso aconteceu INHAK!! Nesta mesma hora ele acordou porque tudo isso era um pesadelo. THE END
Conto E2
O fortaleza sem volta Em uma noite bem frio e esculro, algum primo estavam propondo desafio entre eles, até que um deles disse. - Eu duvido você ir até a fortaleza e gritar bem alto. Então joaquim o menino, que foi desafiado aceitou o desafio e foi a fortaleza. Quando ele estava no meio do caminho logo bateu um arrependimento mas não desistiu porque ele pensava que o primo deles iriam zombar dele, então ele continua caminhando até a fortaleza. Então logo quando ele chegou ao local as 00:38, Ele logo foi arrumar um lugar para gritar, quando ele achou gritar, quando ele achou Gritou bem alto apondo de ouvi o grito bem longe quando ouviu som assustador, sentia a terra tremer e via sombra e corria indo atraz de Joaquim, Joaquim corre e correu mas tropesa, ele só via uma pessoa grande tampando o rosto com garra enorme, logo o menino deu seu ultimo grito de socorro e morreu. Os primos de joaquim até foram procurar mas não encontraram, joaquim desapareceu

Conto F1
A filha dela Em um belo dia, Mamãe pediu pra mim passar um dia na casa da minha tia, eu aceitei como se fosse nada, mas quando eu estava na frente da casa dela. Não acreditava que ra tão grande e bonita, foi bem legal o dia. Durante a noite, eu pensei que ia ser uma otima noite, mas. Aconteceu coisas muito “Sombria e assustadora”. Minha prima chegou em casa 1:00 da madrugada, ela começou a bater no portão e gritar eu chorei de tanto medo. Minha tia disse que sempre foi assim e nunca mudou nada desde os 15 anos dela. Titia disse que foi um coisa muito grave quando ela era jovem.
Conto F2
O SOLDADO DO VALE VERDE Em uma noite de halloween. Eu e meus amigos que estavam voltando para a casa depois de uma festa lá na minha sala que foi acaba lá pelas meia-noite. Um dos meus amigos Davi queria contar histórias de terra ate chegar em casa, Ele começou falando da menina da

escola abandonada e depois a do menino que morreu para matar garota. Ele começou a contar:

- Ei vocês sabiam que a muito tempo atrás tinha um soldado no vale-verde?

- Como assim? Ana disse.

Davi começou a contar a história e disse:

O Soldado e muito assustador, disseram que ele tem cabelos grandes, e roupas rasgadas e tem um machado...

Esse Soldado era muito assustador. Eu e Cole, Davi e Ana, começamos andar mais rápido de repente um homem aparece e Davi

Pergunta:

- Quem é você? O que faz aqui?

O homem responde:

- Eu sou um Soldado, é essa parte do vale verde e minha.

É ele corre atrás da gente com um machado falando:

Vão embora!?

É nos começamos a correr dele gritando:

- SOCORRO, SOCORRO!

Uns vizinhos saem da casa. De repente a Ana cai no chão. Olhamos para trás não tinha ninguém só os vizinhos, não tinha nenhum soldado

APÊNDICES

APÊNDICE I - SEQUÊNCIA DIDÁTICA



APRESENTAÇÃO

Caro/a professor/a, este material que você está recebendo é fruto de um belíssimo trabalho produzido no componente curricular Prática Pedagógica III, imbricado no Programa de Residência Pedagógica (CAPES) do curso de Letras Português/Francês da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Adelma Barros-Mendes em parceria com as professoras preceptoras Josiane Ferreira e Maria José. É um material que foi pensado para ser executado na Escola Estadual José do Patrocínio, localizada em Macapá/AP, no ano de 2023, mas que poderá ser utilizado em outras escolas, bastando que os alunos tenham perfis semelhantes, no que respeita as habilidades e competências que precisem desenvolver.

As atividades aqui apresentadas foram programadas para que permita ao professor acesso ao desenvolvimento de uma Sequência Didática, que possa o ajudá-lo no processo de ensino-aprendizagem do gênero Conto de Assombração a alunos do 7º ano do ensino fundamental, garantindo a exploração do contexto de produção, dos aspectos discursivos (estrutura do texto, coerência e coesão) e dos aspectos linguísticos (ortografia, pontuação, entre outros).

Esperamos que esta Sequência Didática, elaborada com muita seriedade e compromisso, ofereça às escolas, professores e estudantes, subsídios para a realização de um trabalho produtivo e divertido!

Merian Ferreira Guedes

merianguedes93@gmail.com

Nicole Abreu Figueiredo

nicoleabfigueiredo@gmail.com

Tony Franck dos Santos Rocha

tonyfranck@bol.com.br



SUMÁRIO

MÓDULO 00	01
Apresentação inicial	02
Competências gerais	03
Momento inicial	04
Primeira produção	08
MÓDULO 01	09
Apresentação do gênero	10
O soldado da meia-noite	11
Atividades propostas	13
Assuste-me se puder	15
Assombração ou não?	18
MÓDULO 02	19
Comparação de gêneros diversos	20
Leitura	21
Análise comparativa	24
Lendo e interpretando	25
MÓDULO 03	28
Elementos do gênero contos de assombração	30
A pedra do Guindaste	33
Atividades	35
MÓDULO 04	36
Análise Linguística em grupo	38
Entre gritos e linguagens	39
Não pise em túmulos	39
Atividades	40
Aprendendo brincando	42
MÓDULO 05	44
Produção final	46
Correções	47
Ilustrando	48
O grande final	49

Módulo 00





ATENÇÃO, PROFESSOR(A)!

Antes de tudo... Explique aos alunos o **objetivo** de estudarem o gênero textual **Conto de Assombração**. Explique também sobre o conhecimento que irão construir a partir desse estudo. Durante o desenvolvimento desta SD, questione -os sobre quais **conhecimentos** já possuem sobre o gênero e o campo/esfera em que ele circula, que, no caso, é o campo/esfera literária.



CONSIDERAÇÕES INICIAS

Tendo em vista o mundo em que vivemos de forma muito acelerada, com uso de meios tecnológicos diversos, rodeados de *streams, reels, stories*, plataformas online de vídeos e afins, as narrativas culturais têm se perdido no espaço-tempo. Portanto, faz-se necessário a criação de conteúdos que desenvolvam/resgate o imaginário, o lúdico, o extraordinário, o ficcional, na imaginação de nossas crianças, através da literatura e, para tanto, é importante o saber ler e compreender textos de forma autônoma, como também criá-los e desenvolvê-los em todas as suas vertentes.

Nesse sentido, o Conto de Assombração configura-se como uma excelente ferramenta, pois é uma narrativa que provoca a tensão e envolve o suspense, apresentando um final imprevisível e inesperado, gerando interesse no aluno. Ao trabalhar com este gênero, podemos fazer um resgate e também desenvolvimento da leitura literária do aluno, possibilitando a ele desenvolver diversas habilidades e também criar e/ou ampliar o gosto pela cultura regional, a qual faz parte, através da literatura que é produzida na Amazônia.

Por fim, o objetivo desta Sequência Didática é ampliar o conhecimento dos alunos sobre diferentes culturas, o imaginário que possuem, explorar os temas observados em Contos de Assombração. Além disso, também contribuir para a ampliação de vocabulário, ajudar no desenvolvimento de habilidades linguísticas e estimular a reflexão dos alunos através da leitura. Então...Vamos lá?"



AO ALUNO...

Caro/a aluno/a nesta sequência didática você vai se arrepiar e se divertir um pouco mais sobre contos de assombração, analisará suas características e ao fim produzir uma coletânea assustadora com seus colegas. Dito isso, "apertem os cintos" porque essa viagem vai ser "de arrepiar"!

COMPETÊNCIAS GERAIS

Um feitiço pra você...

Um bom trabalho é um trabalho planejado! Dessa forma, esta sequência didática está ancorada na Base Nacional Curricular Comum - BNCC (2017). Mais abaixo, encontram-se as Competências Gerais trabalhadas na SD e, ao longo das atividades, serão disponibilizadas todas as habilidades a serem desenvolvidas.



Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.



Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.



Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.



Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).





ATENÇÃO PROFESSOR (A)!

Ao longo dessa Sequência Didática, foram inseridas orientações que subsidiarão seu trabalho. Antes de realizar as atividades propostas leia, com muita atenção. É uma forma de ajudá-lo (a) a levar informações completas para a sala de aula. Bom trabalho!



MOMENTO INICIAL...

Para iniciar nossa viagem pelo mundo do terror da assombração, vamos nos organizar em uma roda na sala de aula,. Pegue uma almofada e acomode-se. Agora, imagine que está em volta de uma fogueira, em uma noite ao ar livre, quem sabe no meio do mato, ou às margens do Rio Amazonas, se aquecendo com o fogo, apreciando o silêncio, o perfume da vegetação, o barulho das águas do rio, das cachoeiras, etc.



MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Papel;
- Canetinhas ;
- Caixa de assombração (pode ser uma caixa personalizada com imagens);
- Fogueira improvisada com papel celofane ou E.V.A;
- Caixa de som e retroprojeto;
- Pedir aos alunos trazerem almofadas de casa.



Professor/a: Você pode simular uma fogueira com papel celofane nas cores amarelo ou vermelho, fazendo com que as pontas do papel imitem labaredas; o rio e a cachoeira podem ser simulados com imagens transparentes, cartazes com imagens em transparências, cartazes confeccionados com recortes de revistas, ou ainda outros recursos possíveis e disponíveis. O que vale é a criatividade!

EIXO / PL / OE: LEITURA E ORALIDADE

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

O primeiro contato....

Aproveitando o clima de suspense gerado pelos elementos construídos e pela organização da sala de aula, é hora de iniciar as primeiras discussões sobre os contos de assombração.



Shrek comemora o Dia das Bruxas com os amigos com 3 histórias de arrepiar.

Disponível na NETFLIX

No primeiro momento, será exposto um pequeno vídeo com 3 histórias de terror referentes aos personagens da animação "Shrek". Posteriormente, será realizada a leitura do conto "O Médico Fantasma" da autora Heloísa Pietro. Assista ao vídeo e faça a leitura do texto pensando no que as histórias apresentadas têm de diferente...

ATENÇÃO, PROFESSOR/A!

Reserve esses dois momentos para que os alunos criem suas **primeiras impressões espontaneamente** para que posteriormente seja feita a **discussão coletiva**.



CONTO: O MÉDICO FANTASMA

Heloísa Prieto

Esta história tem sido contada de pai para filho na cidade de Belém do Pará. Tudo começou numa noite de lua cheia de um sábado de verão.

Dois garotos conversavam sentados na varanda da casa de um deles.

— Você acredita em fantasma? — perguntou o mais novo.

— Eu não! — disse o outro.

— Acredita sim! — insistiu o mais novo.

— Pode apostar que não — replicou o outro.

— Tudo bem. Aposto minha bola de futebol que você não tem coragem de entrar no cemitério à noite.

— Ah, é? — disse o garoto que fora desafiado. Pois então vamos já para o cemitério, que eu vou provar minha coragem.

Assim, os dois garotos foram até a rua do cemitério. O portão estava fechado. O silêncio era profundo. Estava tão escuro... Eles começaram a sentir medo.

Para ganhar a aposta, era preciso atravessar a rua e bater a mão no portão do cemitério. O garoto que tinha topado o desafio correu. Parou na frente do portão e começou a fazer careta para o amigo. Depois se encostou ao portão e tentou bater a mão nele. Foi quando percebeu que ela estava presa.

— Socorro! Alguém me ajude! — ele gritou, desmaiando em seguida.

Nisso apareceu um velhinho vindo do fundo do cemitério, abriu o portão e chamou o outro menino.

— Seu amigo prendeu a manga da camisa no portão e desmaiou de medo. Coitadinho, pensou que algum fantasma o estivesse segurando.

O garoto reparou que o velhinho era muito magro, quase transparente.

— Obrigado. Como é que o senhor se chama?

— Eu sou o médico daqui. Vou acordar seu amigo.

O velhinho passou a mão na cabeça do menino desmaiado e ele despertou na mesma hora.

— Vão pra casa, meninos — ele disse. Já passou da hora de dormir.

E foi assim que os meninos perceberam que tinham conhecido um fantasma e entenderam que não precisavam ter medo de fantasmas, pois esses, apesar de misteriosos, são do bem.

Heloísa Prieto. "Lá vem história outra vez: contos do folclore mundial. São Paulo. Cia das letrinhas, 1997 (texto adaptado para fins didáticos).



Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece...

Agora vamos passar para as primeiras discussões sobre o que foi explorado nos tópicos anteriores. Caro aluno, é muito importante que você fique a vontade para expor suas considerações, lembre-se: nesse momento vamos realizar um diagnóstico do que você conseguiu perceber e o quanto consegue explorar os aspectos de terror das histórias. Para ajudar a pensar melhor nisso, comece pelas seguintes perguntas:



- *Essa história é diferente de outras que você conhece?*
- *O que é diferente ou o que chamou a atenção de você nessa história?*
- *Acham que ela realmente aconteceu ou é só imaginação?*
- *Você conhece o nome deste tipo de história?*

ATENÇÃO PROFESSOR/A: Em seguida, pergunte se gostariam de contar uma história também. Estimule-os e instigue-os a se lembrarem de histórias que ouviram da família ou de amigos. Talvez, nesse momento, não se lembrem de muitas. Caso isso aconteça, peça que escutem algumas histórias dos pais, avós, pessoas da comunidade e tragam para recontá-las na aula seguinte. Dessa forma, ao longo do tempo, o repertório irá melhorar.

Após todas as discussões realizadas, vamos passar para a etapa mais importante deste módulo: a primeira produção escrita. Para tornar as coisas ainda mais interessantes, leve uma Caixa Temática Assombrada para guardar a produção dos alunos e proponha que a caixa será aberta ao final da SD para que os alunos possam comparar e identificar a evolução de suas produções.



RECEITA DA BRUXA

Para produção da caixa assombrada, vamos liberar o "monstro" da criatividade! Você vai precisar de alguns itens como: tesoura, imagens de terror, papéis coloridos, etc.

A produção pode ser feita antes da aula ou em grupo com os alunos. Deixem que eles "liberem a fera" e soltem suas monstruosas habilidades artísticas



EIXO/ PL/ OE: ESCRITA

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.



HORA DA PRODUÇÃO INICIAL

Querido aluno, depois de nosso momento assustador, escreva uma história assombrosa autoral de no mínimo 10 linhas e, faça ainda, um desenho sobre sua história. Lembre-se de que a nossa intenção é sermos assustadoramente assombrosos!

→ *Título*

*Espaço para
uma história de
arrepiaar...*



Ilustração a mão.

PROFESSOR/A

Neste momento, é provável que os alunos tenham dificuldade para produzir, pois ainda não estão imersos nas características do gênero. Mas, não se preocupe, nesta etapa queremos apenas identificar a capacidade discursiva do aluno em relação ao gênero Conto de Assombração. Por isso, é importante tomar nota de todas as dificuldades percebidas nesse momento, pois são a partir delas que iremos trabalhar.



Nome: _____

Turma: _____

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.[illegible]

Módulo 01





MÓDULO 01 – APRESENTAÇÃO/APROPRIAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS SOCIODISCURSIVAS DO GÊNERO CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO

Caro (a) aluno/a, agora daremos início aos estudos sobre as características sociodiscursivas do gênero Conto de Assombração.



Primeiramente, precisamos esclarecer algumas coisas. Os contos de assombração existem há muito tempo, cada lugar têm suas próprias histórias e personagens. Não é à toa que temos os famosos vampiros, lobisomens, bichos-papões, etc.

Em nossa região não é diferente, temos várias histórias de assombração que foram sendo passadas de geração por geração e permanecem vivas até os dias de hoje. Com certeza você ou alguém da sua família conhece alguma dessas histórias horripilantes.

Então, nesse caminho de histórias da nossa região, vamos dar início aos nossos estudos com base no livro intitulado: "A ilha da pacoca e outros contos assombrados da Amazônia".



ATENÇÃO, PROFESSOR (A)!

Oriente os alunos para a leitura coletiva do conto "O soldado da meia-noite" e, após a leitura, direcione-os para as questões formuladas. Abra um espaço para que as respostas possam ser compartilhadas entre os colegas.

O soldado da meia-noite

Já faz muito tempo dos episódios que ocorreram naquela noite, mas lembro perfeitamente como se fossem hoje. Corria a primeira metade da década de 70, eu tinha por volta de 7 anos e ainda morava em Abaetetuba, no interior da Amazônia. A cidade era pacata e bucólica. Suas ruas eram de areia com mangueiras, castanholas e ameixeiras, que nos presenteavam com frutas, sombras e oxigênio. Tendo o Rio Maratauíra a lamber-lhe as margens, era o responsável por deslocar sobre suas bondosas águas pessoas e mercadorias nas montarias, canoas a vela, batelões, bajaranas e barcos de madeira. Seu povo vivia tranquilo e feliz. Carros, motos e caminhões transitavam em pequena quantidade, víamos com mais frequência bicicletas e carroças. Alguns trabalhadores passavam empurrando carros de mão com entregas pesadas, faziam grande esforço e era sofrível ver aquilo. Também não existia os barulhentos alto-falantes na frente dos comércios como hoje, a não ser umas caixas de som que penduravam nos postes para transmissão de notícias, músicas e propagandas, e que chamavam de “Sonoros Copacabana”; mas não chegavam a incomodar. Esse conjunto de fatores fazia do lugar onde nasci calmo e silencioso, a hora da sesta era respeitada e a noite todos se recolhiam cedo — também pelo motivo que as luzes se apagavam às 22 hs. Morávamos com meus avós, nossa casa era de alvenaria em dois pavimentos circundada de janelas e os dormitórios ficavam na parte de cima. Situada de esquina, a dois quarteirões do rio (localizado para os fundos); bem na frente tinha uma grande praça, depois um colégio e atrás deste o cemitério. Naquele dia, nossa família tomava café “à boca da noite” quando entre outros assuntos um de meus tios começou a contar casos de fantasmas. Esse tema era bem corriqueiro entre nós, talvez pela falta de televisão ou pelo simples fato das pessoas gostarem de dormir com medo. Me aconcheguei espremido aos meus primos em um grande banco de madeira encostado à mesa da cozinha e fixei minha atenção... Meu tio contava sobre a alma de um soldado que aparecia de madrugada vindo da beira do rio, ele batia tambor e passava na rua lateral da casa arrastando o seu coturno, atravessava a praça e depois ia vagar ao cemitério...

O soldado da meia-noite

O soldado fazia aquele ritual toda sexta-feira 13, e talvez tivesse pagando uma pena por seus crimes de guerra. Mas a verdade é que ninguém sabia de onde vinha, do que tinha morrido e nem quem eram seus parentes. Logo após o relato todos se benzeram e eu senti um arrepio da cabeça aos pés. Já tinha ouvido outras histórias mas aquela me impressionou muito, talvez porquê eu dormia encostado na janela por onde o tal soldado passava. Procurei um calendário de papelão pendurado na parede e por coincidência era sexta-feira 13. Aquela noite seria preocupante. Depois do jantar todos nós subimos, mas eu custei a dormir. Olhei para o lado minha irmã já estava em sono profundo, mais a frente escutava meu pai roncando. Lá fora ouvia somente o chiado de grilos e sapos “Buu-buu-buu-buu”. Cerrei os olhos como se pudesse adormecer num passe de mágica, mas nada. Virava agitado de um lado a outro da minha rede, receoso de olhar para a janela que estava aberta um pouco acima de mim. Se fosse possível fecha-la seria um alívio, porém todos iriam reclamar, visto que não era comum ter ventiladores naquele tempo. Lá longe o sino da igreja badalou meia-noite e minha aflição aumentou quando de repente comecei a escutar um barulho vindo dos lados do rio. Era um som que aumentava minuto a minuto. No início indecifrável, porém depois percebi algo como as batidas frenéticas de baquetas no couro de um taról, junto com estalidos compassados de botas no chão. E vinha chegando perto... Agora eu não tinha mais dúvidas, aquilo era o tal soldado fantasma. Ele se aproximou e para piorar a situação parou na calçada bem em frente a janela. Eu não o via mas o escutava, ficou ali uns 10 minutos com seu instrumento marcial — talvez os mais longos da minha infância. Fechei os olhos mais uma vez, me embrulhei com meu lençol de saco de açúcar e comecei a rezar o Pai Nosso. Então como por milagre o barulho começou a se distanciar, saiu dali, cruzou a praça e foi sumindo para as bandas do cemitério. Levantei com umas sacudidas, dei um salto e era minha mãe com um copo d'água, um comprimido de Melhoral infantil e mel de abelha para a minha garganta inflamada: — Toma menino que tu arde em febre.

O soldado da meia-noite. In: A ilha da Pacoca e outros contos de assombração da Amazônia. Mário Júnior. 2022.



ATIVIDADE

1. O conto "O soldado da meia-noite", que acabamos de ler, foi escrito por quem?

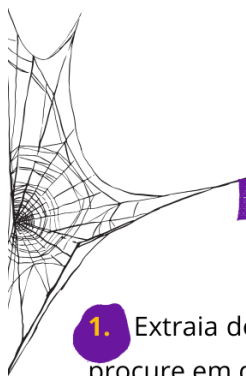
2. Quando foi publicado?

3. O que ele narra?

4. O que o torna um conto de assombração?

5. Como o conto está estruturado?





ESTABELECENDO SIGNIFICADOS

1. Extraia do texto palavras que você não conhece o significado e, após identificá-las, procure em dicionários ou na internet o que elas significam:

PALAVRAS	O QUE SIGNIFICAM?

2. Leia o texto novamente e extraia palavras/expressões referentes a nossa região e escreva-as no espaço abaixo





ASSUSTE-ME SE PUDE...

Caro aluno, a exemplo do conto "O soldado da meia-noite", muitos outros são contados em nossa região. Que tal entrevistar algum familiar ou amigo que tenha uma dessas histórias de assombração e pedir que lhe conte?

Teremos um momento de contação dessas histórias com direito a premiação daquela que for mais horripilante! E aí, topa esse desafio?



Professor/a: Para motivá-los a compreender melhor as dimensões desse gênero, oriente-os com as informações a seguir para que façam uma breve entrevista com familiares sobre "causos" contados em suas infâncias, de modo que tragam para ser narrados em sala. Procure instigá-los nessa busca!

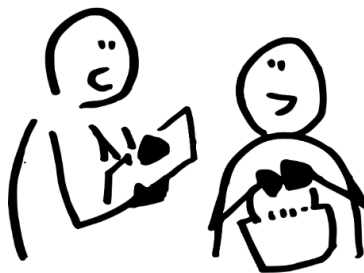
HORA DA ENTREVISTA.

Querido/a aluno/a, o momento da entrevista deve ser organizado com antecedência. Pense com a gente... Se você pedir para lhe contarem uma história, vai conseguir lembrar de todos os detalhes senão anotar ou gravar nada?

Provavelmente a resposta é "não", então, para coletar a história com clareza e sem perder nenhuma parte, você precisará recorrer à gravação ou anotações.

Se optar pela gravação, lembre-se de escolher um lugar silencioso e checar a qualidade do áudio.

Caso escolha anotar as informações, ouça com atenção todas as informações fornecidas pelo entrevistado. Mais uma coisa: não morra de medo!



ASSUSTE-ME SE PUDE...

BUUHHHH...

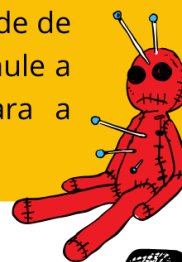
Prepare-se para mergulhar no mundo da escuridão, porque agora chegou a hora de compartilhar com os colegas a assustadora história que você preparou...

Lembre-se: a intenção é ser o mais assustador possível, por isso, prepare uma boa apresentação. Tenha atenção ao tom da leitura e se quiser use adereços como som, imagens, luzes e etc. para lhe ajudar na caracterização e preparação de um clima propenso para aterrorizar os colegas... Ah, e terremos um prêmio surpresa, ok?



ATENÇÃO PROFESSOR (A)!

A apresentação coletiva dos alunos é um momento importante para trabalhar a oralidade e a criatividade de desenvolver uma boa apresentação. Por isso, estimule a motivação oferecendo um prêmio simbólico para a melhor história/apresentação.



CAPACIDADE DE AÇÃO

Professor/a: Ative os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero conto de assombração, questionando-os e ouvindo-os. Depois, apresente-lhes alguns contos de assombração, fale sobre o contexto de produção de alguns (autor, data de publicação, local, editora, etc.), dando destaque aqueles cuja temática refere-se ao projeto. Mostre aos alunos de que forma o texto está organizado e explore a estrutura do gênero.



1. Escreva duas características que marcam o estilo do gênero conto de assombração.

2. Na sua opinião por que as pessoas leem contos de assombração?

3. Qual enfoque principal dos contos de assombração?

ASSOMBRAÇÃO OU NÃO?

Pense em tudo que você ouviu sobre **contos de assombração** até agora e escreva algumas informações que traduzam um pouco **a história, características e finalidades** deste gênero.



Módulo 02





MÓDULO 02 – RECONHECIMENTO DOS GÊNEROS DIVERSOS EM COMPARAÇÃO COM O GÊNERO CONTO DE TERROR/ASSOMBRAÇÃO



Como já aprendemos, existem inúmeros gêneros textuais, cada um com suas características específicas que os tornam únicos. No módulo de hoje, vamos aprender a identificar algumas características que tornam o gênero contos de assombração tão assustador.. Então, vamos nessa?

- **Objetivo:** Reconhecer o gênero em estudo entre diversos outros.
- **Capacidades:** Reconhecimento de gêneros e suas relações com o contexto de produção e características linguísticas. Intertextualizar os gêneros.

Atenção, professor/a: Serão apresentados diferentes gêneros textuais para que os alunos os identifiquem segundo suas características. Lembre-se, o objetivo é que dentre eles percebam as características do gênero estudado. Oriente-os a ler com atenção e fazer marcações para responder as questões posteriores.



Para iniciar a próxima atividade precisaremos que você leia os textos a seguir pensando na seguinte pergunta: **o que torna cada texto diferente do outro?**



TEXTO 01

**São Paulo: as pessoas de tantos lugares, Milton Hatoum
Milton Hatoum**

À primeira vista, São Paulo assusta. Aos poucos, o susto cede ao fascínio, à surpresa da descoberta de muitos lugares escondidos ou ocultados numa metrópole da qual a natureza parece ter sido banida. Isto só em parte é verdade. Há vários parques e jardins — Aclimação, Villa-Lobos, Burle Marx, Água Branca e tantos outros —, sem contar o Ibirapuera, que simboliza uma promessa de urbanismo mais civilizado, ou de um processo urbano mais humanizado, interrompido pela ganância das construtoras e da especulação imobiliária em conluio com o poder público municipal.

Esse urbanismo desastroso e desumano é uma das características das cidades brasileiras, em que os bons arquitetos não participam da intervenção na paisagem urbana. Apesar das adversidades, um morador de São Paulo aprende a gostar da metrópole. Já quase não se vê o céu de Sampa, mas há bairros que são pequenas cidades, há ruas com um casario de uma outra época, com um ritmo de vida próprio, como se outro tempo resistisse ao cerco dos arranha-céus horrorosos e ao mundo das finanças e do consumo desenfreado.

Gosto de passear pelo Cambuci, Belenzinho, Penha; Brás, Mooca, Tatuapé e Santana ainda revelam muitos encantos, assim como a Estação da Luz e o Mercado Municipal. No mundo grandioso da metrópole, pode-se descobrir uma série de recantos: pequenas praças, um recorte de paisagem, um beco, um conjunto de casas neoclássicas, uma antiga vila operária, um boteco ou restaurante. Recantos que encerram um outro modo de vida, como se a metrópole fosse um palimpsesto a ser descoberto em cada andança. O oposto disso são edifícios dotados de clube e shopping centers, que separam seus moradores do resto da cidade, gerando uma nova forma de segregação do espaço, ainda mais radical que os condomínios.

Há pouco tempo, uma amiga carioca me disse que gostava cada vez mais de São Paulo. Quis saber por que. Porque fiz boas amizades na metrópole vizinha, ela disse.

Senti isso quando me mudei para cá em 1970. Morei num quarto de pensão na Liberdade. Um dos colegas dessa pensão era outro migrante, um rapaz de Londrina que passava o dia estudando música e que se tornou, além de um grande músico, um grande amigo: Arrigo Barnabé.

Entendi que São Paulo era uma meca para onde confluíam pessoas de todos os quadrantes, as latitudes e as origens; talvez seja este o maior encanto desta metrópole que une o culto ao trabalho com promessas de amizade. A diversidade étnica de São Paulo reitera a mestiçagem brasileira, uma das nossas maiores riquezas.

Não há um único paulistano que não reclame do trânsito, da poluição, da violência e das filas intermináveis, mas as relações de trabalho e afeto, que são formas poderosas de inserção social, servem de contrapeso ao caos e aos males da metrópole.

Milton Hatoum, 55, escritor, autor de Órfãos do Eldorado e Dois irmãos (ambos pela Companhia das Letras), entre outros títulos. Texto publicado na Revista da Folha, 25/05/2008.

TEXTO 02

Wandinha: Tudo sobre a nova série da Netflix*Primeira temporada da série é composta por 8 episódios.*

NOTÍCIAS | ÁREA STREAMING | NOTÍCIAS: SÉRIES DE TV | 23 de novembro de 2022 | Atualizado em: 23 de novembro de 2022



By Marco Victor

Share

Facebook

Twitter

Pinterest

WhatsApp

**A trama da série Wandinha**

Wandinha é uma série de mistério com toques sobrenaturais que acompanha a trajetória de Wandinha Addams (Jenna Ortega) sendo obrigada por seus pais, Gomez e Mortícia, a frequentar a Escola Nunca Mais após um novo incidente em seu antigo colégio.

Enquanto se muda para este novo local, que segundo sua família terá pessoas mais parecidas com ela, Wandinha tenta dominar suas habilidades psíquicas, acabar com uma monstruosa onda de assassinatos que aterroriza a cidade e resolver o mistério sobrenatural que envolveu seus pais 25 anos antes. E claro, além de tudo isso, ela ainda tem que lidar com relacionamentos complicados na Nunca

Disponível em: <https://www.jornadageek.com.br/wandinha-tudo-sobre-a-nova-serie-da-netflix/>

TEXTO 03

Edição do dia 19/08/2012
19/08/2012 00h00 - Atualizado em 11/12/2012 10h39

Phantasmagoria investiga forte cercado por lendas e assombrações em Macapá

Instalamos nossas câmeras de segurança pela fortaleza. Edgar, Suzele e Robson, moradores de Macapá, são os voluntários deste episódio.

Um forte cercado por lendas e assombrações tão intensas que já chegaram a expulsar guardas do posto de trabalho. O Phantasmagoria foi até a Região Norte do Brasil, Macapá, capital do Amapá, investigar a Fortaleza de São José, um lugar construído com mão de obra escrava e indígena.

A obra começou em 1764 e demorou 18 anos para ser concluída. Nesse período, houve muito sofrimento e mortes ali.

Há quem diga que muitos escravos tentaram escapar pelo desaguadouro, o poço que fica no centro da praça de guerra. E que até hoje as vozes deles podem ser ouvidas ali. Barulhos estranhos também acontecem nas galerias que, no passado, serviram de prisão. Ali, uma vigia conta ter sido perseguida por fantasmas.

Outra assombração que testemunhas contam já ter visto na Fortaleza é um padre sem cabeça que flutua pelos baluartes do forte fumando um cigarro, na altura do que seria a cabeça. Instalamos nossas câmeras de segurança pela fortaleza. Edgar, Suzele e Robson, moradores de Macapá, são os voluntários deste episódio. Eles vão nos ajudar a investigar os mistérios que rondam o local.

A experiência começa com um rádio e dois gravadores. Os participantes vão fazer a transcomunicação instrumental. Konstantin Raudive, nascido na Letônia, foi um dos pesquisadores que primeiro usou essa técnica para tentar fazer contato com o além, nos anos 60. O rádio precisa ser colocado naquele chiado que fica entre as estações - o ruído branco. Esse ruído vai ser gravado e, depois, ouvido, buscando alguma mensagem sobrenatural.

LINK DO VÍDEO: <https://globoplay.globo.com/v/2097446/>

Confira, no vídeo acima, como foi a investigação dos nossos voluntários. E quais são as explicações dos especialistas para tudo de estranho que testemunhas dizem acontecer no na fortaleza.

No próximo episódio: Phantasmagoria investiga uma mina de ouro desativada em Minas Gerais!

TEXTO 04

A VELHA POBRE

Lá para os lados da Amazônia tinha uma Velha Pobre que morava numa caverna na serra. Só saía às sextas feiras pela meia-noite. Ela era a protetora dos campos. Muitos diziam que ela não gostava de ser chamada de velha, porque, na verdade, nunca envelheceu. Aqueles que já a encontraram na serra, onde, aliás, raras pessoas já a viram, diziam que ela é linda, mas muito má.

Tinha, quando queria, uma voz doce e agradável. A cara jovem e linda. Os olhos grandes e brilhantes. Os cabelos pretos, sujos e desgrehados cobriam o rosto. As mãos e os pés eram de velha. Enrugados e cheios de calos. Trabalhava sem parar, vivia esfarrapada e suja. E todo mundo a chamava de velha pobre.

Ela tinha muita vontade de ter filhos, mas não conseguia. Por isso, todo o homem que passasse por sua caverna tinha que casar com ela. Se esse homem ficasse com medo era transformado em uma pedra que rolava, rolava, até cair no precipício.

Se o homem aceitava se casar, apesar da aparência de seus pés e mãos, ela mostrava o rosto escondido pelos cabelos sujos: uma face de imensa beleza. Ela então tomava banho numa fonte de água pura com o fundo cheio de pedras preciosas. Quando mergulhava nessas águas os pés e mãos da velha pobre se transformam: ficam jovens, belos e delicados. Seus cabelos tornavam-se limpos, macios e lustrosos e o homem podia ter a mais bela noiva do mundo.

Mas, depois de nove meses se não nascia o filho (e ele nunca nasceu) a velha pobre se transformava: voltava a ser suja e esfarrapada. Com os cabelos grudentos e as mãos e pés deformados de dar medo. Então era melhor o homem fugir depressa. Devia correr muito senão podia virar pedra. Se a velha não o alcançava, ficava na gruta gritando de ódio. Logo se formava no rio mais próximo um redemoinho enorme. Engolindo tudo que passava por ele. Esse redemoinho, de uma forma mágica, era a cabeça da Velha Pobre.

Adaptação de Augusto Pessôa. In: BÁ E AS VISAGENS.
Disponível em: <https://www.augustopessoa.com/contos-de-assombrao>





ANALISANDO OS TEXTOS...

1. Preencha a tabela abaixo de acordo com os textos lidos:

TÍTULO	FINALIDADE	CARACTERÍSTICAS

2. A que gênero textual pertence cada um dos textos que foram lidos?



2. Os textos que você leu narram fatos? Discutem questões controversas? Polêmicas? Expõem pontos de vista?

3. Dos textos lidos um configura-se como conto de assombração. Você consegue identificá-lo? Se sim, conte-nos o que percebeu que diferente nele dos outros textos lidos.



INTERPRETANDO....

1. Qual é o assunto principal tratado nos textos:

TEXTO 01:

TEXTO 02:

TEXTO 03:

TEXTO 04:



2. Como os textos foram organizados? Por parágrafos ou versos?

3. O tipo de linguagem utilizada no texto 02 é a mesma linguagem usada no texto 04?

4. Em que local o gênero textual a que pertence o texto 02 geralmente é veiculado?
E qual público-alvo para esse texto?

5. Os textos 02 e 03 podem ser considerados como contos de assombração?

Módulo 03



MÓDULO 03 – O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO CONTO DE ASSOMBRAÇÃO



OBJETIVO GERAL: Apresentar para o aluno a estrutura do gênero conto de assombração para que ele possa identificar esses elementos ao ler, escutar ou assistir um conto de assombração

EIXO/PRÁTICA DE LINGUAGEM/ OBJETO DE ESTUDO: ORALIDADE E ESCRITA

Habilidades da BNCC:

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), videopoemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF67LP29) Identificar, em texto dramático, personagem, ato, cena, fala e indicações cênicas e a organização do texto: enredo, conflitos, ideias principais, pontos de vista, universos de referência.

ATENÇÃO PROFESSOR/A!

Antes de apresentar os conceitos formados sobre o gênero conto de assombração, busque a socialização dos conceitos que os alunos já possuem. Após as exposições, faça a análise de um conto junto com os alunos.



CONTOS QUE ASSOMBRAM...

Querido/a aluno/a, nesta etapa vamos entender um pouco sobre os elementos que compõem os contos de assombração... Mas, você já tem uma ideia inicial sobre como eles são organizados? Se não sabe, leia abaixo um pouco sobre:

VOCÊ SABIA?

O conto é um texto curto em que um narrador conta uma história desenvolvida em torno de um enredo - uma situação que dá origem aos acontecimentos de uma narrativa. Há poucos personagens e poucos locais, pois como a história é breve não é possível incluir vários lugares e personagens diferentes. Há vários tipos de contos: realistas, populares, fantásticos, de terror, de humor, infantis, psicológicos, de fadas. Os contos de assombração, especialmente, são narrativas que trazem o terror e o mistério para o enredo. Quando o leitor lê, se encontra com o susto e a sensação de medo. E normalmente são contos que envolvem mortes, fantasmas e suspense. São narrativas curtas que geralmente acontecem dentro de um único local, em um mesmo espaço

PROFESSOR/A:

Antes de apresentar os elementos estruturais do conto de assombração tente reunir algumas informações oralmente dos alunos a partir de questionamentos sobre o que já construíram nos módulos anteriores.





ELEMENTOS ESTRUTURAIS DO CONTO DE ASSOMBRAÇÃO

ENREDO

É o conjunto de fatos (que interagem com o narrador, personagens, tempo e espaço) relatados na narrativa.



TEMPO

A **época em que se passam as ações** dos personagens. Pode haver dois tipos de tempo:

- **Tempo cronológico:** quando as coisas acontecem numa sequência normal, de horas, dias, anos.
- **Tempo psicológico:** quando as coisas não acontecem numa sequência normal, mas de acordo com a imaginação do narrador ou de um personagem.



ESPAÇO

O lugar **onde se passa** o enredo e que mostra as ações dos personagens. Como uma determinada casa, rua, parque, praça.

PERSONAGENS

Trata-se de **quem participa** das ações da trama. O personagem protagonista, os secundários ou antagonistas.





NARRADOR

É quem conta os fatos, que podem ser narrados por um:

- **Narrador Observador:** aquele que conhece a história, mas não participa dela.
- **Narrador Personagem:** aquele que além de narrar a história, também é um dos seus personagens.
- **Narrador Onisciente:** aquele que conhece a história e todos os personagens envolvidos nela.

Além dos elementos estruturais do conto, neste caso conto de assombração, o enredo pode constituir-se das seguintes partes: conflito, introdução, complicação, clímax e desfecho.

ESTRUTURA DO CONTO

- ➡ **Conflito** é o componente opositor, que desencadeia os fatos e envolve o leitor. A partir do conflito se estruturam as demais partes do enredo.
- ➡ **Situação inicial** (ou introdução) nesse momento inicial, há uma breve ambientação do espaço, tempo, personagens e enredo.
- ➡ **Desenvolvimento** (ou complicação) é a parte da história em que o conflito se desenvolve e inclui as demais partes: a situação inicial, o clímax e o desfecho.
- ➡ **Clímax** é quando acontece o momento de maior tensão da história.
- ➡ **Desfecho** é encerramento da narrativa, em que se apresenta a solução do conflito – boa, má, inesperada, trágica, previsível.

A Pedra do Guindaste

Quando Macapá era pouco mais que uma vila e suas matas virgens, foi que a mãe d'água sentiu a prenhez em suas entranhas. Iara sabia que a vida em seu ventre seria colocada no mundo para cumprir um destino, mas estava preocupada. Os deuses dos rios e dos igarapés permaneciam mudos, sem lhe dar qualquer luz, qualquer aviso sobre o destino que teria a menina. Depois de muito esperar, Iara terminou acreditando que os deuses queriam apenas lhe dar uma filha, como agradecimento pelos muitos séculos que cuidava dos rios.

E foi assim que todas as noites, embalada pelos cantos dos pássaros, a mãe d'água passou a tecer com as mais finas algas e enfeitar de estrelas marinhas as indumentárias onde seria colocada sua primogênita. Iara ficou tão envolvida em seu amor materno, nos preparativos para receber a filha, que se descuidou de seus domínios. Foi nesse tempo que Boicorá, invejosa com a felicidade de Iara, fez subir as águas do Rio Amazonas, inundando várias cidades, entre elas a Vila de São José de Macapá. E foram tantos os lamentos da população, tantos os pedidos de clemência, que Tupã desceu de seu trono eterno para cobrar de Iara uma solução para o desastre.

Por mais que tentassem, nem Tupã nem Iara conseguiram desfazer o feitiço lançado por Boicorá. E foi então que a mãe d'água entendeu e uma imensa tristeza se apossou de sua alma. À noite, quando o urutau desfiava melodias tristes, Iara teve seu rebento e nem mesmo quis olhar uma única vez para a criança. Com pesar, transformou a filha em uma imensa cobra, que desceu o Rio Amazonas, passando a beber grande quantidade de água, forçando a baixa da maré. A cobra continuou seu trajeto até uma pedra, localizada em frente à Vila de Macapá, onde permanece por encanto da mãe.

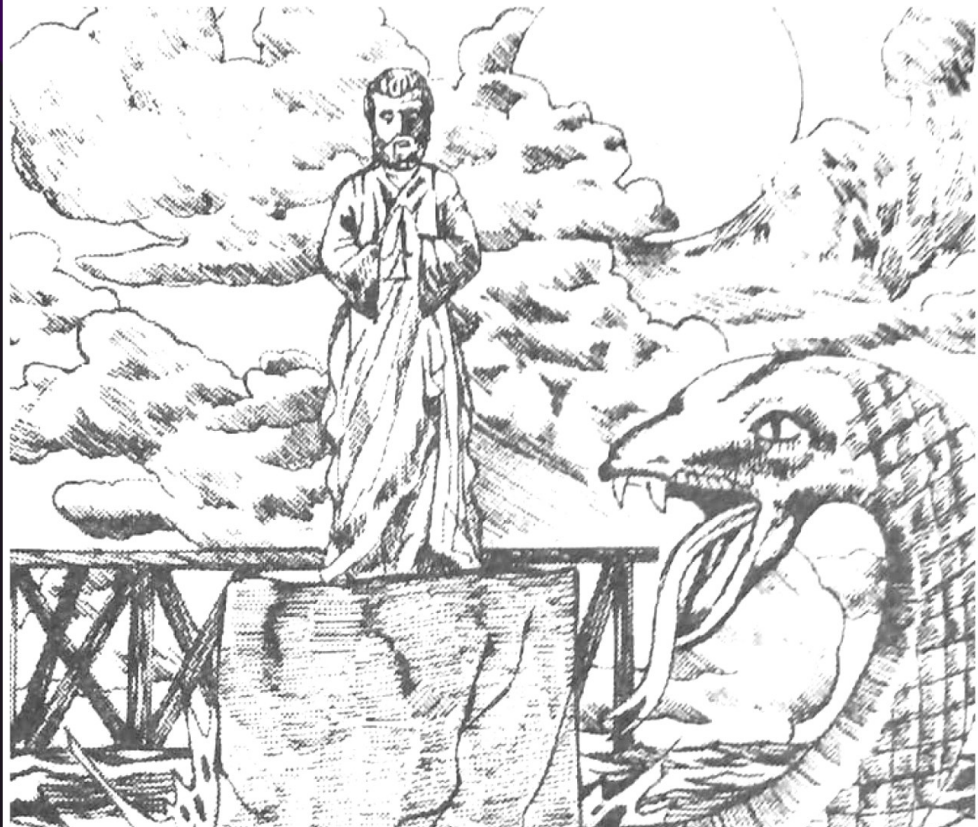
Anos depois, levado pela religiosidade, o escultor português Antônio Ferreira da Costa colocou, no topo da pedra, uma imagem de São José, padroeiro local. Contam as lendas que quando as águas sobem e alcançam as sandálias de São José, a boiúna materializa-se na pedra para beber água.

Por dois meses, março e abril, ela hiberna, saindo somente nas mudanças de lua. Por isso as águas atingiam o centro da cidade. Hoje isso não ocorre devido ao cais construído.

Os mais antigos dizem ainda que, se por um acaso algum governante tiver a infelicidade de mandar tirar a pedra do rio, as águas do Rio Amazonas subirão tanto, que toda a cidade irá para o fundo.

Há muitos anos um navio chocou-se contra a pedra, mudando-a de lugar. Por credence ou não, o governador da época prontamente ordenou que com o uso de um guindaste ela fosse recolocada em seu lugar original. Daí o nome “Pedra do Guindaste”.

A pedra do Guindaste. In: *Mitos e lendas do Amapá*. Joseli Dias, 2020



RESPONDENDO...

1. Neste módulo estudamos várias características que compõem um conto de assombração. Considerando isso, responda: Quais das características estudadas estão presentes no texto "A Pedra do Guindaste"? Podemos afirmar que ele é um conto de assombração?

2. O conto "A Pedra do Guindaste" está narrado em:

☐ primeira pessoa

☐ terceira pessoa

Transcreva um trecho que confirme sua resposta:

3. O texto narrado ocorre quando e onde?

4. Há resolução para o conflito final do texto? Comente...

Módulo 04



MÓDULO 04 – ANÁLISE LINGUÍSTICA E SEMIÓTICA DO GÊNERO CONTO DE ASSOMBRAÇÃO

Caro/a aluno/a, agora daremos início ao módulo referente aos estudos de AL e semiótica no gênero conto de assombração. Ao longo das atividades, procure sempre tirar suas dúvidas sobre o assunto trabalhado!



OBJETIVO GERAL: Identificar quais elementos linguísticos/gramaticais favorecem a construção de um conto de assombração e quais ordens tipológicas predominantes compõem este gênero.

EIXO/ PL/ OE: ANÁLISE LINGUÍSTICA

HABILIDADES

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos.

(EF07LP08) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, adjetivos que ampliam o sentido do substantivo sujeito ou complemento verbal.

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras.



SOCIALIZANDO...

Para realizar a atividade, forme um **trio** com seus colegas e escolha um conto de assombração da coletânea **"A ilha da Pacoca e outros contos assombrados da Amazônia"**.

RESPONDENDO ÀS QUESTÕES.

Em seguida, respondam às questões abaixo:

1. Qual tema central do conto lido? faça um resumo da história.
2. Identifique no texto lido os elementos que compõem o gênero conto de assombração. Demonstre com exemplos de trechos.
3. Quais os adjetivos usados no conto para descrever as características das personagens? Cite alguns.
4. Qual é a tipologia textual predominante no conto que você leu?
5. Selecione 5 palavras referentes ao campo semântico predominante do gênero contos de assombração e, após isso, identifique a qual classe gramatical elas pertencem.

AGORA É HORA DE EXPOR SEU TRABALHO PARA A TURMA!

Junto com seu grupo, produza um cartaz contendo as informações das perguntas anteriores. Fique atento a orientação do/a professor/a. Capriche na produção, marcaremos um momento para exposição aberta a comunidade!



ENTRE GRITOS E LINGUAGENS

Professor/a: Neste momento passaremos a trabalhar com questões específicas de AL, é importante lembrar de nivelar o conhecimento da turma e ir preenchendo as possíveis lacunas no caminho.



Caro (a) aluno/a, se você não se borrou de medo até aqui, desejo parabéns, pois você é muito corajoso! Seguindo na nossa viagem horripilante, vamos realizar algumas atividades e para isso, leia o texto a seguir:

NÃO PISE EM TÚMULOS

Em uma noite fria um grupo de jovens estava voltando de uma festa ainda animados. Até que um deles, ao perceber que estavam chegando perto do velho cemitério da cidade, decidiu contar histórias de terror. As meninas do grupo foram as que estavam ficando mais assustadas com suas histórias

- Estamos quase passando pelo cemitério, vocês sabiam que nunca devemos pisar em um túmulo após o sol se pôr? Se vocês fizerem isto o morto agarra suas pernas e as puxa para dentro da sepultura.
- Mentira. – disse uma delas. – Isto é só uma superstição antiga.
- Se você é tão corajosa, por que não nos mostra? Eu lhe dou R\$ 50,00 se você pisar em alguma sepultura.
- Eu não tenho medos de sepulturas e nem dos mortos. Se você quiser faço isso agora mesmo!!!!

O menino, surpreso com a coragem da garota, lhe estendeu uma faca e disse:

- Crave isto em um dos túmulos e então nos saberemos que você esteve lá...

Sem hesitar a garota tomou-lhe a faca e caminhou até a entrada do cemitério, sob surpresa dos olhos de seus amigos que duvidavam que ela tivesse esta coragem. A garota entrou no antigo cemitério onde o silêncio era total, sombras fantasmagóricas eram formadas pela luz da lua e ela teve a impressão que centenas de olhos a observavam. Chegando ao centro do silencioso cemitério olhou em volta.

- Não há nada a temer – disse a si mesmo tentando se acalmar.

Então ela escolheu um túmulo e pisou nele, depois cravou a faca afiada no chão e virou-se para ir embora, mas algo a deteve. Tentou novamente, mas não conseguiu se mover, ficou apavorada!

- Alguém esta me segurando!!! – disse em voz alta e caiu no chão.

Como ela demorava a voltar o grupo de amigos decidiu ir atrás dela, caminharam um pouco e a encontraram sobre um túmulo. Ela estava morta com uma expressão de terror no seu rosto. Inadvertidamente a própria garota havia cravado com a faca sua saia no chão, com muito medo ela pensara que algo sobrenatural a segurava e assim partiu dessa para melhor...

Corrigido e adaptado: **Blog Clube dos Medos: Contos Curtos**

RESPONDENDO...

1. Qual é o clímax da história?

2. "*Isto é só uma superstição antiga*" A menina que disse esta frase estava correta ou não? Explique.



3. A que gênero textual pertence o gênero lido?

- () Crônica
- () Conto de assombração
- () Fábula
- () Mito

- Explique quais características do texto você levou em consideração para responder a questão anterior:

4. Escreva abaixo todos os adjetivos que encontrou ao longo do texto

- O que esses adjetivos têm em comum?

5. Observe os seguintes trechos: "*estavam chegando perto do **velho** cemitério da cidade?*" / "*Chegando ao centro do **silencioso** cemitério olhou em volta.*" e responda:

- Os adjetivos usados são diferentes. Essa diferença causa alteração de sentido?

- Escreva abaixo adjetivos que poderiam substituir os seguintes termos sem causar alteração de sentido na frase:

a) **velho**: _____

b) **silencioso**: _____

6. Observe os seguintes trechos: "*com muito medo ela pensava que algo sobrenatural a segurava e assim **partiu dessa para melhor**...*" e responda:

- O que a expressão destacada significa?

- Qual foi figura de linguagem utilizada pelo autor no trecho mencionado?

- No seguinte trecho: "*ela teve a impressão que centenas de olhos a observavam*" foi utilizada a mesma figura de linguagem do trecho anterior? Explique.

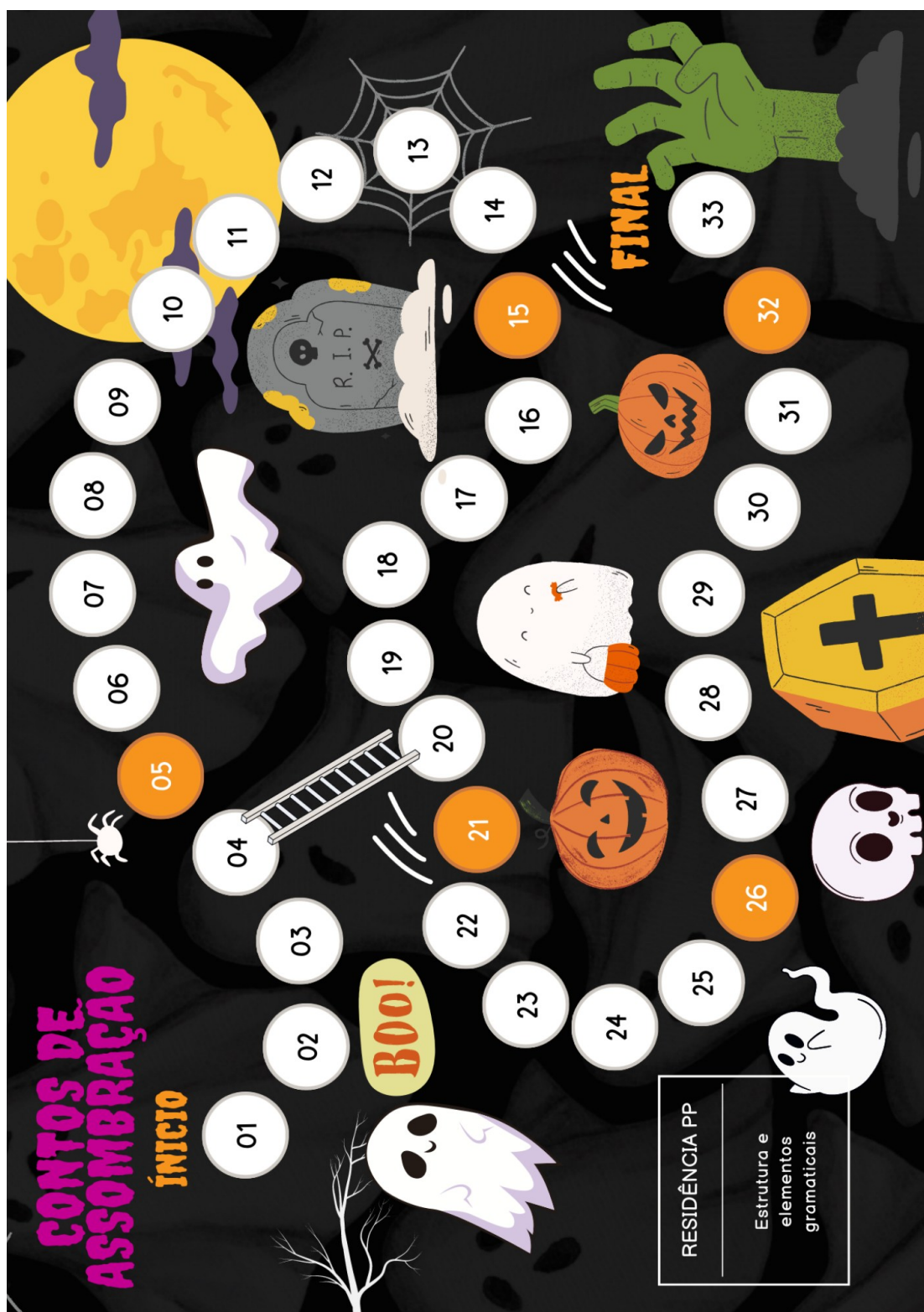


APRENDENDO BRINCANDO....



Chegamos ao momento mais divertido da nossa viagem... Que tal revisarmos tudo que trabalhamos até aqui através de um jogo super legal? Você receberá um tabuleiro personalizado, siga as orientações do professor/a para entender como vai funcionar!

Caro professor/a! Separe os alunos em grupos e explique para eles como o jogo funcionará. Siga as orientações na cartilha que acompanhará o tabuleiro.



Módulo 05



MÓDULO 05 – PRODUÇÃO ESCRITA DO GÊNERO CONTO DE ASSOMBRAÇÃO

Caro/a aluno/a, chegamos ao fim da nossa assombrosa viagem pelo mundo dos contos de assombração. Agora chegou a sua vez de mostrar tudo que aprendeu! E aí? Pronto pra aterrorizar todo mundo?



EIXO/ PL/ OE: PRODUÇÃO TEXTUAL

HABILIDADES:

(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto

(EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita. **(EF07LP03)** Formar, com base em palavras primitivas, palavras derivadas com os prefixos e sufixos mais produtivos no português.

(EF67LP34) Formar antônimos com acréscimo de prefixos que expressam noção de negação.

(EF67LP35) Distinguir palavras derivadas por acréscimo de afixos e palavras compostas.

(EF67LP01AP16) Refletir sobre a importância da seleção vocabular de signos estáticos e dinâmicos (substantivos e verbos) em poemas de literatura amapaense, canções populares e de canções do Marabaixo.

PRODUÇÃO FINAL

Caro/a aluno/a, chegamos ao fim da nossa viagem pelo mundo dos mistérios, monstros e terror. Agora, vamos nos preparar para assustar todo mundo! O nosso objetivo final é criar uma coletânea de contos de assombração com temática sobre o Amapá, produzidos e ilustrados por você e seus colegas para disponibilizar na biblioteca da escola e apresentar em um evento de arrepiar. E aí? Topa esse desafio?



É HORA DE ASSOMBRAR...

Antes de iniciar nosso livro, vamos conversar um pouco sobre tudo que construímos. É hora de abrir nossa caixa de assombração e vermos nossas primeiras produções!

Professor, neste momento abriremos em uma roda de conversa a caixa de assombração com os textos do módulo 01. Oriente os alunos a expor suas possíveis dúvidas e tentar identificar os seus erros.



Depois de conversar com seus colegas e professor/a é hora de contar seu **CONTO DE ASSOMBRAÇÃO**. Lembre-se, ela deve obedecer nossa temática final: contos de assombração do Amapá

Turma: _____

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

VAMOS ASSOMBRAR NA REVISÃO DO TEXTO!!



CARO/A ALUNO/A,

Uma das etapas mais importantes de um texto é a revisão e a correção, mas nem sempre conseguimos ver tudo sozinhos... Por isso, vamos realizar essa etapa em dupla. Você receberá uma ficha para avaliar o texto de um colega. Atenção às orientações da/o professor/a.

CrITÉRIOS de revisão	Sim	Não	Às vezes
O texto obedece a temática obrigatória: <i>CONTOS DE TERROR DO AMAPÁ?</i>			
O texto traz elementos alusivos ao estado Amapá?			
O texto apresenta descrição detalhada do cenário com forte presença de adjetivos adequados?			
As ideias estão articuladas com expressões como <i>então, depois, nesse momento, etc...</i>			
A assombração é anunciada com sinais que criam suspense e um clima de medo e terror?			
O texto está claro e adequado ao leitor?			

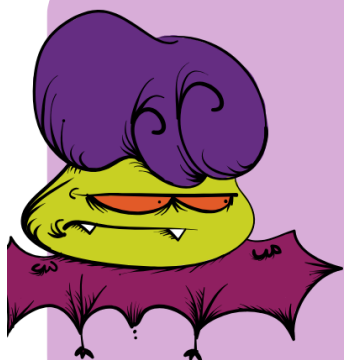
PROFESSOR/A:

Oriente os alunos a avaliar o texto de um colega com base na ficha disponibilizada acima. procure orientá-los ainda quanto aos aspectos linguísticos gramaticais como correção ortográfica, concordância etc. Caso seja necessário, faça as alterações de forma coletiva.



TUDO CERTO POR AÍ?

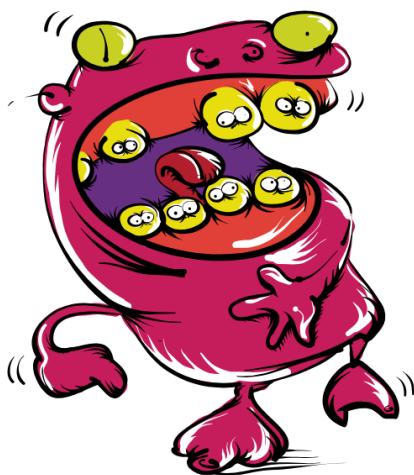
Agora que você recebeu os resultados da avaliação do seu texto está na hora de realizar as correções necessárias. Leve em consideração tudo o que seu colega marcou durante a leitura do seu texto, ok?



PROFESSOR/A:

Nesta etapa você vai levar os alunos a realizar a primeira correção do texto com base nas observações feita pelos colegas. Ainda sim, compreendemos que é necessário que a revisão final seja feita pelo professor, por isso, caso veja necessidade, entregue novamente o texto aos alunos para que corrijam possíveis desvios linguísticos. Afinal, queremos um texto perfeito, é?

SÓ PALAVRAS SÃO SUFICIENTES?



Querido/a aluno/a, agora sua história está pronta para assustar todo mundo!!! Mas... Será que só palavras são suficientes??? Acho que não!

Então vamos fazer um desenho bem assustador para ilustrar nosso livro final! Na página a seguir você tem um espaço disponível para realizar seus desenhos. Lembre-se, a ilustração deve estar relacionada com sua história.

Turma: _____

[illegible]

O GRANDE FINAL

Querido/a aluno/a, chegamos ao fim da nossa assustadora viagem. Agora é hora de ver nosso trabalho idealizado em um livro que deixaremos de presente na biblioteca da escola para assustar as futuras turmas...



APÊNDICE II - DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA) NA ESCRITA DE DOCUMENTOS CIENTÍFICOS

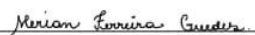
DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA) NA ESCRITA DE DOCUMENTOS CIENTÍFICOS

Declaro que este artigo foi inteiramente elaborado por Merian Ferreira Guedes. No entanto, contou com o auxílio de ferramenta de inteligência artificial generativa, neste caso cita-se o ChatGPT (acessado em julho e agosto de 2025). A ferramenta foi utilizada da seguinte maneira:

- como ferramenta de busca semântica para encontrar materiais específicos sobre a temática em estudo;
- para a exploração e organização das ideias;
- para revisão ortográfica/textual.

Após o uso desta ferramenta, a autora revisou e editou o conteúdo em conformidade com o método científico, sob supervisão do orientador. Sendo assim, tanto a autora como o orientador assumem total responsabilidade com as políticas de transparência e integridade acadêmica do artigo.

Santana, 31 de agosto de 2025.


Assinatura da Acadêmica


Assinatura do Orientador